



Instituto Superior de Ciências Educativas

Departamento da Educação

A Relevância das Histórias Infantis na Educação Pré-Escolar

Débora Filipa Soares Gomes

Relatório final para obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar

Orientadora:

Professora Celeste Rosa, Instituto Superior de Ciências Educativas

Coorientadora:

Professora Helena Raposo, Instituto Superior de Ciências Educativas

maio, 2020

Ramada



Instituto Superior de Ciências Educativas

Departamento da Educação

A Relevância das Histórias Infantis na Educação Pré-Escolar

Débora Filipa Soares Gomes

Relatório final para obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar

Orientadora:

Professora Celeste Rosa, Instituto Superior de Ciências Educativas

Coorientadora:

Professora Helena Raposo, Instituto Superior de Ciências Educativas

maio, 2020

Ramada

Agradecimentos

Às Professoras Celeste Rosa, Patrícia Santos e Helena Raposo, pela orientação, disponibilidade, paciência, ajuda, pelas palavras de força que me deram ao longo da realização do relatório, por nunca terem desistido de mim. Ações sem as quais, seria mais difícil a conclusão desta última etapa.

À Educadora Cooperante Cristina Prazeres, pela disponibilidade e apoio na concretização da prática pedagógica na sua sala, pelo apoio, sugestões e conselhos que me deu durante o período de prática, desde o primeiro dia. Também à auxiliar de sala, pela partilha de experiências e vivências. Um grande obrigada por me ajudarem a crescer enquanto futura educadora.

Às crianças da sala 3, onde decorreu a minha Prática de Ensino Supervisionada, pelo carinho e colaboração em todas as atividades que lhes propus.

Ao Instituto Superior de Ciências Educativas que me formou enquanto profissional.

À minha família que sempre se mostrou preocupada e se manteve ao meu lado em todos os momentos e que nunca deixou de acreditar em mim e na minha formação. Em especial aos meus pais por me terem apoiado e me terem dado força para a concretização do Mestrado em Educação Pré-Escolar. Obrigada por me ajudarem a ser quem sou hoje.

Aos meus colegas e amigos do Mestrado em Educação Pré-Escolar, pelas trocas de experiência e todo o trabalho desenvolvido em conjunto. Mas um agradecimento em especial às minha amigas e fiéis companheiras Sofia Ribeiro, Patrícia Carola, Marta Martins, Maria do Carmo e Rita Freire, pelo apoio, carinho, paciência e amizade que me deram ao longo deste percurso. Sem elas, nada disto seria possível. Também, à colega de estágio, colega de trabalho e amiga, Sílvia Cardoso, por todo o empenho e paciência que teve para mim.

Ao meu namorado que esteve sempre do meu lado nos bons e maus momentos, encorajando-me sempre a continuar a dar o meu melhor, a lutar pelos meus sonhos, e por ter ajudado, muitas vezes, na preparação de materiais para a Prática de Ensino Supervisionada, por todo o amor e compreensão que demonstrou.

Aos meus avós por todo o apoio que me deram e continuam a dar, agradeço-lhes por todo o amor, carinho e dedicação que deram durante a minha vida. Sou mais feliz, por vos ter proporcionado alegria e orgulho de me verem a acabar o curso. Obrigada por me ajudarem a crescer enquanto pessoa.

E por último, não menos importante, aos meus amigos que sempre me acompanharam nesta luta, que nunca me deixaram sozinha e sempre me apoiaram em tudo, eles sabem quem são. A eles o meu agradecimento em especial, pois não fazem parte da minha família, eles são a minha família

A todos o meu muito obrigada, pelo vosso carinho paciência, apoio e dedicação!

Resumo

O presente relatório insere-se no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar e o estudo realizado baseia-se na investigação sobre a própria prática, de natureza qualitativa. Foi desenvolvida em contexto de Jardim de Infância, numa instituição de rede pública com um grupo de 21 crianças com idades compreendidas entre os 3 e os 6 anos.

Foi elaborada uma questão de investigação que conduziu e influenciou todo o trabalho desenvolvido ao longo da Prática Pedagógica: “De que forma é que as histórias potenciam aprendizagens num grupo de crianças de Educação Pré-Escolar?”, que teve como base o tema “A Relevância das Histórias Infantis na Educação Pré-Escolar”, o que levou a dois objetivos: Analisar as aprendizagens das crianças a partir de histórias e identificar as estratégias usadas nas histórias infantis.

Pretendeu-se, numa dinâmica teórica/prática, compreender o potencial da leitura de histórias na Educação Pré-Escolar, utilizando a literatura infantil como estratégia para a aprendizagem.

O foco centrou-se na realização de atividades que estimulassem o desenvolvimento cognitivo e emocional das crianças através das histórias, procurando criar disposições favoráveis à aprendizagem.

Na fundamentação teórica são identificadas quatro temáticas, sendo elas: a Importância das Histórias no Pré-Escolar; a Leitura de Histórias na Educação Pré-Escolar; o Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita e as Emoções na Educação Pré-Escolar.

As técnicas utilizadas para a recolha de dados do estudo basearam-se na observação participante, notas de campo/narrativas supervisivas dialogadas, registos fotográficos e gravações em vídeo, produções das crianças, entrevista à educadora cooperante e às crianças, comprovando, assim, todo o desenvolvimento da investigação e os seus resultados.

A investigação realizada mostra que é possível promover as aprendizagens das crianças a partir da leitura e da exploração das histórias infantis e comprova que as estratégias utilizadas para o desenvolvimento de atividades nas diversas áreas de conteúdo criaram aprendizagens significativas.

Palavras-Chave: Aprendizagem, Envolvimento, Histórias, Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, Pré-Escolar, Transversalidade.

Abstract

This dissertation is included in the Masters in Pre-School Education and the study carried out is based on research on the practice itself, being thus of qualitative nature. It was developed in the context of a Kindergarten, in a public institution with a group of 21 children aged between 3 and 6 years.

The a research question that led and influenced all the work developed throughout the Pedagogical Practice is the following: " How do stories enhance learning in a group of Pre-School children?", which was based on the theme "The Relevance of Children's Stories in Pre-School Education", leading to two objectives: Analyzing children's learning from stories and identifying the strategies used by educators concerning children's stories.

The aim was, (in theoretical/practical dynamics), to understand the potential of story reading in Pre-School Education, using children's literature as a strategy for broadening the learning processes.

The focus was on conducting activities that stimulate children's cognitive and emotional development through stories, seeking to create learning-friendly arrangements.

Four themes are identified in the theoretical basis: The Importance of Stories in Pre-School Education; Reading Stories in Pre-School Education; The Domain of Oral Language and Approach to Writing and Emotions in Pre-School Education.

The techniques used to collect data for this study were based on participant observation, supervised field/narrative notes, photographic and video recordings, children's productions, interviews with the cooperating educator and the children, thus proving all the development of the research and its results.

The research shows that it is possible to promote children's learning from reading and exploring children's stories and proves that the strategies used to develop activities in the various content areas have created significant learning.

Keywords: Learning, Involvement, Stories, Oral Language and Approach to Writing, Pre-School, Transversality.

Abreviaturas

JI – Jardim de Infância

OCEPE - Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar

PES II – Prática de Ensino Supervisionada II – Contexto Pré-Escolar

PES III – Prática de Ensino Supervisionada III – Contexto Pré-Escolar

UC – Unidade Curricular

DGE – Direção Geral de Educação

NE – Necessidades Educativas

Índice

Agradecimentos.....	III
Resumo.....	VI
Abstract.....	VII
Abreviaturas.....	VIII
Capítulo I.....	1
1. Introdução.....	2
Capítulo II.....	5
1. Enquadramento Teórico.....	6
1.1 A Importância das Histórias na Educação Pré-Escolar.....	6
1.2 A Leitura de Histórias na Educação Pré-Escolar.....	7
1.3 Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.....	10
1.4 As emoções na Educação Pré-Escolar.....	12
Capítulo III.....	14
1. Opções Metodológicas.....	15
2. Plano de Investigação.....	18
2.1.1 Caracterização do Contexto Institucional.....	21
2.1.2.1 Caracterização do Ambiente Educativo.....	23
2.1.2.2 Dimensão Organizacional.....	23
2.1.2.3 Dimensão Temporal.....	29
2.1.2.4 Dimensão Relacional.....	30
2.1.3 Caraterização do Grupo.....	32
2.1.3.1 Participantes.....	34
2.2 Instrumentos de Recolha e Análise de Dados.....	35
2.2.1 Observação direta: Observação Participante.....	36
2.2.2 Produções das Crianças (Escritas e Oraís).....	37
2.2.3 Observação Indireta: Registo Fotográfico e Vídeo.....	37
2.2.4 Narrativas Supervisivas/ Notas de Campo.....	38
2.2.5 Entrevista.....	38
2.3 Plano de Ação.....	39
2.3.1 Apresentação e Justificação do Plano de Ação.....	43
2.3.1.1 Calendarização/cronograma do plano de ação.....	44
Capítulo IV.....	46
1. Apresentação e Discussão dos Resultados Obtidos.....	47
1.1 Descrição, Análise e Síntese Reflexiva das Atividades Implementadas.....	47

1.1.1	1ª História – “O lobo que sonhava com o oceano”	47
1.1.2	2ª História – “A que sabe a lua?”	51
1.1.3	3ª História – “O Monstro das cores”	58
1.1.4	4ª História – “O Cato quer mimos”	65
Capítulo V	74
1.	Conclusões da Dimensão Investigativa.....	75
2.	Implicações da Investigação para a Prática Profissional Futura	78
Capítulo VI	80
1.	Referências Bibliográficas	81
ANEXOS	83
APÊNDICES	88

Índice de Figuras

Figura 1-	Área da casinha.....	24
Figura 2 -	Área da garagem e das construções	25
Figura 3 -	Área da mesa.....	25
Figura 4 -	Área do tapete/acolhimento	26
Figura 5 -	Área da Biblioteca	26
Figura 6 -	Área de Multimédia	26
Figura 7 -	Área das Ciências.....	27
Figura 8 -	Planta da sala	28
Figura 9 -	Elaboração dos ecopontos (Digitinta).....	50
Figura 10 -	Produto final (Ecopontos).....	50
Figura 11 -	Registo das sugestões das crianças, antes e após a leitura.....	51
Figura 12 -	Sugestões das crianças	52
Figura 13 -	Criança a desenhar	52
Figura 14 -	Produções finais das crianças	53
Figura 15 -	Identificação da ordem numérica da aparição dos animais na história.....	53
Figura 16 -	Criança a escrever o número ordinal onde se encontra o animal.....	53
Figura 17 -	Crianças a realizar a divisão silábica dos nomes dos animais	55
Figura 18 -	Divisão silábica dos nomes das crianças.....	55
Figura 19 -	Conclusão dos dados obtidos do desenho da história que mais gostaram ...	56
Figura 20 -	Monstros das Cores.....	58
Figura 21 -	Elaboração da atividade dos frascos das emoções.....	59
Figura 22 -	Frascos das emoções (Produções finais das crianças)	60
Figura 23 -	Elaboração das molas.....	62
Figura 24 -	Emocionómetro	62
Figura 25 -	Distribuição das equipas	64
Figura 26 -	Criança a realizar a 1ª parte do percurso.....	64
Figura 27 -	Criança a realizar a 2ª e 3ª parte do percurso.....	64
Figura 28 -	Criança a realizar o final do percurso	65
Figura 29 -	Exploração da história "O cato quer mimos"	67

Figura 30 - Criança a ser medida com blocos (legos)	68
Figura 31 - Criança a pintar a sua fita métrica	68
Figura 32 - Painel das Alturas	69
Figura 33 - Apresentação aos pais	72
Figura 34 - Apresentação do teatro ao JI, 1ºs e 2ºs anos	73

Índice de Quadros

Quadro 1 – Fases de investigação comum a ambos os contextos	24
Quadro 2 – Equipa Pedagógica da instituição	26
Quadro 3 – Rotina	33
Quadro 4 – Numero de crianças e a sua distribuição por género e idade.....	36
Quadro 5 – Calendarização das atividades do plano de ação	50
Quadro 6 – Respostas das crianças à ficha de registo da história “O lobo que sonhava com o oceano”.....	59
Quadro 7 – Respostas das crianças à ficha de registo da história “A que sabe a lua?”...60	

Índice de Anexos

Anexo A – Apreciações da comunidade escolar sobre o trabalho desenvolvido	86
---	----

Índice de Apêndices

Apêndice A – Ficha de Registo	90
Apêndice B – Ficha de Opinião	91
Apêndice C – Transcrição dos Registos “O que aprendi com esta história”.....	92
Apêndice D – Entrevista à Educadora Cooperante - Guião	93
Apêndice E – Entrevista à Educadora Cooperante - Respostas.....	94
Apêndice F – Entrevista às Crianças - Guião	100
Apêndice G – Entrevista às Crianças - Respostas	101
Apêndice H – Transcrições dos Registos de Videos da História “O lobo que sonhava com o oceano”	114
Apêndice I – Transcrições dos Registos de Videos da História “A que sabe a lua?” ..	116
Apêndice J – Transcrições dos Registos de Videos da História “O monstro das cores”	117
Apêndice K – Transcrições dos Registos de Videos da História “O gato quer mimos”	121

Capítulo I

1. Introdução

O presente relatório insere-se no Curso de Mestrado em Educação Pré-Escolar, que tem como objetivo a obtenção do grau de Mestre. Insere-se nas Unidades Curriculares de Prática de Ensino Supervisionada II e III e Seminário de Investigação Educacional de Apoio ao Relatório Final I e II.

Todo o trabalho desenvolvido em PES II e PES III apresenta um carácter investigativo, situando-se no paradigma participativo o qual se baseia na reflexão e análise do processo de intervenção da prática desenvolvida em contexto de educação Pré-Escolar. Esta foi realizada numa Instituição Pública, localizada no concelho de Loures com um grupo de vinte e uma crianças com idades compreendidas entre os três e cinco anos.

Assim, este estudo assume uma dimensão investigativa sobre a própria prática, enquadrando-se na Área de Expressão e Comunicação, no domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita numa ligação e cruzamento com todas as restantes áreas de conteúdo.

A escolha da temática deveu-se às preocupações sentidas no campo de trabalho e do diagnóstico efetuado, através da observação inicial feita às crianças em PES II. Durante o período de observação foi possível constatar que a educadora dá pouca ênfase à Literatura Infantil e que o grupo de crianças, numa atividade que um dos pais foi realizar à escola (que consistiu na leitura e exploração de uma história), mostrou-se bastante interessado e motivado.

Na Prática de Ensino Supervisionada III, no período de observação, foi possível observar que a educadora implementou a “hora do conto” na rotina de sala e verificou-se que, com a mudança de metade do grupo, houve um desequilíbrio a nível disciplinar. Em conversa com a educadora foi decidido que este grupo precisava de compreender as suas emoções para uma melhor resolução de problemas.

Após esta conversa, compreendeu-se que poderia dar continuidade à problemática, tendo como tema as emoções e fazendo uma articulação de aprendizagens nas várias áreas de conteúdo.

Não só pelo gosto que esta temática proporciona, considerou-se pertinente que as crianças deveriam contactar mais com a diversidade de histórias que existem para que possam explorar e, com isso, fazerem aprendizagens significativas nas várias áreas de conteúdo.

Nos dias de hoje, estamos cientes da importância que as histórias infantis representam no desenvolvimento da criança. Através delas podemos aprender sobre o mundo que nos rodeia, permitindo-nos pensar e refletir, conhecer os outros e a nós mesmos. As histórias divertem-nos, agitam-nos, transportam-nos para outro lugar, um mundo de imaginação, o mundo dos sonhos. É através da Literatura Infantil que a criança adquire o gosto pela leitura. A aprendizagem pela leitura é uma tarefa complexa que implica vários progressos cognitivos e linguísticos. Seguramente que a leitura enriquece o vocabulário, não só da criança, como também a do educador e amplia o mundo de ideias e de conhecimentos.

As histórias possibilitam uma grande transversalidade de conhecimentos, ou seja, através das histórias o educador consegue proporcionar várias aprendizagens a vários níveis, abordando diversas áreas de conteúdo e assim promover aprendizagens significativas.

Desta forma, procura-se que este estudo seja pertinente ao refletir o modo como fomentar o gosto pela leitura para melhores aprendizagens.

Assim, o plano de investigação incide no seguinte tema “A relevância das Histórias Infantis no contexto da Educação Pré-Escolar” que tem como temática de estudo a Área de Expressão e Comunicação, no domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.

Com este tema surgiu a seguinte questão de investigação:

- De que forma é que as histórias infantis potenciam aprendizagens num grupo de crianças de Educação Pré-Escolar?

Depois da questão de investigação ter sido formulada, foram definidos os seguintes objetivos:

- Identificar e analisar as estratégias usadas nas histórias infantis e relacionar as estratégias usadas com as aprendizagens das crianças;
- Compreender se as histórias infantis são uma boa estratégia para trabalhar as várias áreas de conteúdo.

Nesta problemática foram abordadas as preocupações sentidas no campo de trabalho e o diagnóstico efetuado através da observação inicial feita às crianças, que foi bastante produtivo, pois as crianças mostraram sempre interesse e entusiasmo pelos livros, bem como pela audição de histórias. Tendo em conta que todas as atividades do

Jardim de Infância devem ser globais e integradoras, compreende-se que as histórias são um bom ponto de partida para abordar várias temáticas.

Atualmente, estamos cientes da importância que as histórias representam no desenvolvimento da criança. Através destas construções literárias, podemos obter informação sobre o mundo que nos rodeia, permitindo-nos pensar e refletir, conhecer os outros e a nós mesmos. Desde tempos imemoriais que as histórias nos divertem (as fábulas de Esopo, por exemplo) nos agitam, nos transportam para outro lugar para um mundo de imaginação, para o mundo dos sonhos, para o mundo das realidades ficcionadas, como Rigolet (2009, p. 130) afirma “A fada é a dona da linguagem mágica. Ela é “dadora da palavra” e possui dois instrumentos de metamorfose: a varinha e as palavras”.

É através da Literatura para a Infância que a criança forma e modela o gosto pela leitura, sendo que a aprendizagem da leitura é uma tarefa complexa que implica progressos cognitivos e linguísticos que acontecem em vários níveis. Dito isto, a leitura enriquece o vocabulário, não só da criança, como do educador e amplia o mundo de ideias e conhecimentos.

As histórias permitem uma significativa transversalidade de conhecimentos, quero com isto dizer que, através das histórias o educador consegue proporcionar aprendizagens a vários níveis, abordando diversas áreas de conteúdo, promovendo assim aprendizagens significativas.

Desta forma, considero que este estudo seja pertinente, porque aborda um assunto de extrema importância, principalmente na atualidade, que é fomentar o gosto pela leitura para uma melhor aprendizagem sobre o mundo que nos rodeia.

A estrutura deste relatório cumprirá a seguinte organização: Introdução, fazendo uma rápida alusão ao contexto do relatório, identificando a área temática em estudo e os objetivos gerais; de seguida irá conter o enquadramento teórico, explicando a importância e implicação que as histórias infantis têm na Educação Pré-Escolar; a caracterização do contexto institucional referente ao local onde foi desenvolvido o estágio, bem como o grupo com o qual este foi realizado; as opções metodológicas, a descrição e avaliação do plano de ação que contempla a planificação das atividades, com a respetiva descrição, reflexão e avaliação; a reflexão final que irá identificar as implicações do plano de ação para a prática profissional futura e sobre as vantagens e dificuldades na implementação da Prática.

Capítulo II

1. Enquadramento Teórico

A realização de uma pesquisa sobre a importância que as histórias infantis têm na Educação Pré-Escolar foi fundamental para a presente investigação. Assim apresentamos uma abordagem sucinta do tema anteriormente mencionado para compreendermos melhor a relevância que as histórias assumem na Educação Pré-Escolar.

Será também abordado o Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, identificado nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, bem como as suas componentes, comunicação oral; consciência linguística; funcionalidade da linguagem escrita e a sua utilização em contexto; identificação de convenções da escrita e prazer e motivação para ler e escrever, e ainda, o papel e a importância da leitura na Educação Pré-Escolar.

Por fim, como forma de compreender melhor as crianças, considerou-se pertinente conciliar a leitura com o tema das emoções cuja relevância se traduz na criação de um ambiente estável e emocionalmente saudável para as referidas crianças. Serão apresentados o conceito de emoção e a relevância que tem na Educação Pré-Escolar, já que as crianças estão em pleno desenvolvimento cognitivo, emocional e social.

Ao longo da investigação, as atividades referentes ao tema, terão como objetivo proporcionar descoberta, interesse e prazer, desenvolver também, nas crianças a capacidade de saber ouvir e interpretar uma história e a partir dela conseguirem realizar vários tipos de atividade nas diversas áreas de conteúdo, pois este processo é considerado como “uma estrutura própria (...) que incluem diferentes tipos de aprendizagem, não apenas conhecimentos, mas também atitudes, disposições e saberes-fazer” (Silva et al., 2016, p.31)

1.1. A Importância das Histórias na Educação Pré-Escolar

A utilização de histórias para a infância, como instrumento pedagógico, nos primeiros estádios da aprendizagem escolar é crucial, uma vez que as histórias têm a capacidade de estruturar e fomentar/estimular a imaginação, processo que leva ao desenvolvimento da atividade simbólica da criança, as histórias também funcionam como uma estratégia didática para a exploração das várias áreas de conteúdo. É a partir destas dimensões que podemos explorar e construir conhecimentos com as crianças e assim promover aprendizagens significativas.

É através das histórias que se criam oportunidades à criança para desenvolver a imaginação, aumentar o seu vocabulário, elevar o seu crescimento a nível social, emocional e cognitivo e possibilitar também a sua autoidentificação. Tal como refere Dias e Neves (2012) com base em Machado (1994), “Uma história é um recurso psicopedagógico que abre espaço para a alegria e o prazer de ler, compreender, interpretar a si próprio e a realidade” (p.37).

A exploração/descoberta das histórias na Educação Pré-Escolar deve ser uma rotina. Esta atividade de contar histórias estimula as crianças para o gosto de as ler e não só, é também uma estratégia, no sentido de conseguir abordar várias áreas de conteúdo. De acordo com Dias e Neves (2012) “a arte de contar histórias” estimula o prazer de ouvir histórias “(...) e para além de ajudar na formação das crianças” constitui um fator vital que grandemente enriquece a experiência que a criança retira da história.

As histórias fazem parte na nossa infância, tal como o brincar e o explorar as histórias a “brincar” permite à criança imaginar e fantasiar para que mais tarde consiga lidar com problemas com os quais se irá confrontar. Rigolet (2009) afirma: “ (...) Um livro é uma janela aberta para o mundo, pois é capaz de nos transportar para outras realidades e de nos fazer castelos de fantasia” capaz de nos transmitir “uma parte importante da sabedoria de vida”. Este “conjunto de vivências representa (...) um guia experimental” (p.9) levando-nos assim a encarar as dificuldades que iremos encontrar ao longo da vida.

1.2. A Leitura de Histórias na Educação Pré-Escolar

O Educador deve estar atento às manifestações que a criança apresenta no sentido de querer aprender a ler. É a partir deste momento chave que o educador deve agir e, consequentemente, tirar partido de qualquer situação que possa surgir, pois é essencial que os educadores conheçam as conceções das crianças sobre a linguagem escrita, bem como sobre a leitura, de modo a que possa facilitar a sua evolução, assim “deste modo, as crianças podem encontrar afinidades e gostos semelhantes ou podem confrontar-se com outras leituras e opiniões que não faziam parte da sua realidade e que lhes proporcionarão novas vias de exploração nas suas leituras” (Mata, 2008, p. 73).

As histórias são o primeiro contacto direto das crianças com a escrita. É através dos livros que as crianças descobrem o prazer de ler e desenvolvem a sensibilidade estética, a criatividade e a imaginação. Os educadores devem ter o cuidado de ler de forma

adequada, para as crianças e de escolher livros pertinentes, isto é, adequados à sua faixa etária e em função dos seus interesses ou explorando novas áreas temáticas e estéticas, tirando partido também, por exemplo, das ilustrações de suporte ao texto. “É indiscutível e de largo consenso a importância da prática de leitura de histórias, enquanto atividade regular, agradável e que proporciona interações e partilha de ideias, concepções e vivências” (Mata, 2008, p. 78).

O modo como o educador lê vai, igualmente, influenciar o conceito que a criança cria sobre determinados documentos escritos. Por exemplo, ao ler uma história o educador fá-lo de determinada maneira, diferentemente da leitura de uma notícia ou de um dicionário, por exemplo. Poderá usar as inflexões de voz, as pausas, o débito das palavras, o ritmo, a musicalidade e a entoação, e até a mímica, para conferir à história mais intensidade e expressividade.

A leitura de histórias é uma prática na Educação Pré-Escolar que contribui não só para “o desenvolvimento da linguagem e o enriquecimento do vocabulário” como também para “a criação de hábitos de leitura” (Santos, 2010, p.14), Apesar de a criança não ler, ela desenvolve comportamentos e características de um leitor, baseada na observação daquele que eleger como modelo e lhe serve como ponto de referência (Santos, 2010).

Para as autoras Silva et al. (2016) “o envolvimento das crianças em situações de leitura e escrita na educação Pré-Escolar promove o desenvolvimento” (p.67) de várias aprendizagens, estando organizadas em componentes, uma delas é a importância da funcionalidade da linguagem escrita e a sua utilização em contexto, “Para além disso, a investigação tem demonstrado que o facto de as crianças terem algum conhecimento e compreensão sobre as funções da leitura e da escrita (...)” (p.67) facilita a aprendizagem da linguagem escrita, expressando-se no seu desempenho.

“O papel do educador é fundamental neste processo, ao criar ambientes promotores do envolvimento com a leitura e a escrita, que levem ao desenvolvimento de atitudes e disposições positivas relativamente à aprendizagem da linguagem escrita.” (Silva et al., 2016, p. 71). Assim, o papel do educador torna-se essencial, o empenho do educador será refletido no sucesso das aprendizagens das crianças e no seu prazer pela leitura. A criança deverá ser estimulada a aprender, a descobrir e a brincar; é com outras crianças que a criança interage, tem um diálogo e partilha ideias desenvolvendo o seu conhecimento. Tal como Silva et al. (2016) nos indicam “Todos nós, para nos

envolvermos numa qualquer atividade, temos que ter motivos e razões para o fazer.” (p.71).

Na leitura e na escrita também é importante que as crianças se “apropriem do valor” que têm. “Esta valorização associada ao prazer e satisfação vivenciados nos momentos de leitura e escrita (...)” são a base “para se tornarem crianças motivadas e para usarem e se envolverem com a linguagem escrita” (Silva et al., 2016, p.71).

É através das histórias que as crianças se desenvolvem em diferentes níveis, nomeadamente, a nível linguístico, a nível cognitivo e a nível afetivo e social.

Do ponto de vista linguístico, o contacto com as histórias e a sua leitura permite compreender a relação entre a linguagem oral e a linguagem escrita; identificar a fronteira da palavra; aumentar o repertório lexical; construir a consciência de texto; entre outros, e para que isto aconteça é muito importante propiciar um ambiente linguisticamente estimulante.

Como Sim-Sim (2008) afirma:

A qualidade do contexto influencia a qualidade do desenvolvimento da linguagem. Quanto mais estimulante for o ambiente linguístico, e quanto mais ricas forem as vivências experienciais propostas, mais desafios se colocam ao aprendiz de falante e maiores as possibilidades de desenvolvimento cognitivo, linguístico e emocional. (p.12)

Do ponto de vista cognitivo, as histórias infantis permitem a aquisição de conceitos sobre a compreensão do mundo, sobre o que as crianças vão observando e conhecendo gradativamente, sobre as suas vivências emocionais e sensoriais, sobre a suas interações com outras crianças e os adultos, sobre os medos, o imaginário, as frustrações e as alegrias que estão presentes no seu dia a dia.

Do ponto de vista afetivo e social as referidas histórias permitem criar laços emocionais; aprender a estar em grupo; aprender a ouvir e partilhar ideias e aprender comportamentos sociais, pois como Sim-Sim (2008) escreve “As actividades e as estratégias que seguidamente se descrevem constituem apenas sugestões para promover ambientes ricos em oportunidades comunicativas” (p.37) sendo importante “ensinar a criança a ouvir falar e a expressar-se adequadamente consoante os contextos e os objectivos da situação” (p.37), tomando em conta as pessoas com que interagem os “lugares onde as interacções acontecem e as actividades ou tarefas em que elas se envolvem.” (p.37).

É de facto relevante na Educação Pré-Escolar a abordagem à linguagem oral de uma forma espontânea e intencional através de atividades que promovam a reflexão e a consciência gradativa dos fenómenos linguísticos, de modo a criar boas práticas pedagógicas.

Contar histórias é uma arte, tal como, uma pintura, uma canção ou um filme de desenhos animados conseguem chamar a atenção das crianças, uma história contada também consegue cativar a atenção das crianças e “prendê-las” no seu desenrolar, ao seu crescente fio narrativo. É responsabilidade do educador conseguir cativar a atenção das crianças pela forma como explora a história e, pela sua intervenção, lhe confere significado e expressividade.

Para que uma história prenda a atenção dos seus ouvintes (e leitores), é preciso que desperte a curiosidade das crianças, isto é, uma história precisa de estar relacionada com todos os aspetos das suas personalidades e/ou potenciar curiosidades pré-existentes, sem as “deprimir” ou desmotivar, mas antes indo ao encontro das suas expectativas, dando-lhes confiança em si próprias e no futuro.

1.3. Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

“A aprendizagem da linguagem oral e escrita deve ser concebida como um processo de apropriação contínuo que se começa a desenvolver muito precocemente e não somente quando existe o ensino formal” (Silva et al., 2016, p.60).

A aprendizagem deste domínio deve ser logo gerada nos primeiros anos de vida da criança. É um processo contínuo que lhe permite aceder ao conhecimento acerca do meio que a envolve e a contextualiza. Desde muito cedo, a criança começa a verbalizar os seus primeiros “porquês” e assim mostra-nos que descobriu as relações de causa e efeito entre situações e fenómenos observados e vivenciados, por isso, a partir deste estágio de desenvolvimento das crianças, o papel do educador é estimular a procura contínua de relações e conexões, bem como a sua real explicação, diversificando as vivências como forma de incentivar descobertas.

O desenvolvimento da linguagem oral assume uma importância fundamental na Educação Pré-Escolar (Silva et al., 2016, p.60). Este desenvolvimento depende dos interesses das crianças em comunicar. Para tal, os educadores devem adotar estratégias de trabalho que permitam que este desenvolvimento aconteça, sendo uma dessas estratégias a utilização de histórias infantis e as suas virtualidades.

É através da linguagem que a criança vai estabelecendo uma comunicação com o meio, adquirindo estruturas mentais progressivamente mais complexas que a capacitarão para compreender as mensagens dos outros e partilhar as suas próprias ideias.

Quanto mais o educador der valor à criança e tiver capacidade para a ouvir, mais a criança tem facilidade em se expressar e comunicar, o que leva a uma aprendizagem mais alargada, como a descoberta de um novo léxico, de várias palavras que enriquecem o seu vocabulário. Silva et al. (2016) indicam que quanto mais a criança comunica e alarga o seu vocabulário, mais começa a desenvolver outras dimensões de pensamento, capacidades e vertentes, tomando consciência “(...) sobre a forma como a língua se estrutura e organiza (...)”. “O desenvolvimento da linguagem é complexo” (p.61), isto deve-se ao facto de existirem vários fatores a ter em conta, como a comunicação oral e a consciência linguística (exploração de sons e palavras), que envolve uma tomada de consciência sobre vários aspetos da linguagem (consciência fonológica, consciência da palavra e consciência sintática).

Como as autoras Silva et al. (2016) referem “As crianças envolvem-se frequentemente em situações que implicam uma exploração lúdica da linguagem, demonstrando prazer em lidar com as palavras, inventar sons, e descobrir as suas relações.” (p.64). Ainda segundo as autoras a cima referidas, na Educação Pré-Escolar considera-se a consciência linguística fundamentada em três dimensões: A consciência fonológica que se refere “à capacidade para identificar e manipular elementos sonoros de tamanhos diferenciados, que integram as palavras” (p.64), a consciência da palavra que “é a capacidade de compreensão da palavra enquanto elemento constitutivo de uma frase” (p.64) e por último a consciência sintática que “se prende com a compreensão das regras da organização gramatical das frases, conduzindo à utilização e controlo dessas regras.”. (p.64).

Enquanto a linguagem oral deverá ser desenvolvida nos primeiros anos da idade Pré-Escolar, a consciência linguística começa a ser desenvolvida nos últimos anos, deste segmento educativo, pois precisamos de ter o domínio gradativo da linguagem oral concebível para evoluirmos para o desenvolvimento da aprendizagem da consciência linguística.

Tudo isto requer um trabalho árduo, articulado e consistente que, não depende só das experiências que a criança tem no quotidiano. Cabe também, ao educador fomentar e praticar a dimensão linguística (estimulando a expressão oral, recorrendo ao uso de estruturas linguísticas variadas e progressivamente mais complexas, recorrendo ao uso de

sinónimos, aumentando e enriquecendo a estrutura das frases, apresentando modelos corretos que substituam os errados, entre outros procedimentos discursivos).

Segundo Mata (2008), “(...) a aprendizagem da leitura e da escrita deve ser concebida como um processo de apropriação contínuo que se começa a desenvolver muito precocemente e não somente quando existe ensino formal.”. Ainda segundo a mesma autora, assim, a criança quando ingressa na Educação Pré-Escolar, deverá ter contacto com os livros infantis deverá ser incentivada a utilizar a leitura e a escrita (ou seja, na sua forma incipiente, na chamada emergência da linguagem escrita). Deste modo, “este processo inicia-se com a descoberta de que existe escrita” (p.9).

“O contacto com a escrita tem como o instrumento fundamental o livro” (Silva et al., 2016, p.66). É através dos livros, como a leitura e exploração de histórias infantis que as crianças começam a ter interesse e prazer na leitura, desenvolvem e experienciam a sua emotividade.

Tal como Mata (2008) afirma “Uma criança envolvida com a escrita tem vontade, iniciativa e prazer”. Isto é a base para que a criança se sinta “desafiada a explorar e avançar” (Mata, 2008, p.46), mas tudo isto só é possível se o educador conceber, proporcionar um ambiente favorável à criança, como implementar atividades e apresentar desafios objetos referentes à leitura e à escrita, facilitando assim uma aprendizagem transversal, englobando todas as áreas de conteúdo identificadas nas OCEPE (Silva et al., 2016).

1.4. As emoções na Educação Pré-Escolar

Primeiramente, é fundamental compreendermos o que são as emoções. Apresenta-se a seguinte definição através de Moreira (2010, p. 23), um autor que se tem dedicado a este tema. Ele refere que “uma emoção é uma resposta que o corpo dá ao que se passa à nossa volta”.

Como Goleman (2012) refere no seu livro “*Inteligência Emocional, a teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente*”, uma emoção é refletida como um estado de espírito provisório que aparece devido a uma situação e é inexecutável separar a emoção da razão. Isto observa-se na prática quando analisamos a importância que têm as emoções na vida das crianças. Bruno Bettelheim (2006) também no seu livro “*A Psicanálise dos Contos de Fadas*” em relação à fantasia e às emoções, defende os contos de fadas como preparação para a vida futura das crianças com os seus receios, as

dificuldades que vão enfrentar. Este autor refere que os contos de fada funcionam até como catarse dos receios, ou seja, o que os contos de fadas mostram não é que devemos ter medo mas sim como enfrentamos esse medo e o podemos anular ou minimizar.

Durante vários séculos, as emoções não tiveram o reconhecimento académico e científico que passaram a ter no século XX (Sigmund Freud, por exemplo). No entanto, com a evolução científica, os sentimentos foram considerados fundamentais para o desenvolvimento emocional do ser humano nas suas mais variadas realizações e dimensões.

É de salientar que a Educação Pré-Escolar deve valorizar, nas crianças, o desenvolvimento emocional e afetivo, tal como Freitas - Magalhães (2007) afirma “As emoções fazem parte da nossa vida, é preciso saber viver com elas. A emoção está antes da razão. Antes de sermos racionais, somos emocionais” (p.55).

O papel do educador é bastante importante nesta temática, o(a) educador(a) ao abordar a importância das emoções com as crianças está a criar um ambiente estável e sociável entre elas. Para que isto aconteça, é essencial que as crianças reconheçam as emoções e saibam o que elas significam para que consigam controlá-las e posteriormente compreender os outros (Franco, 2009).

Goleman (2012, p. 28), defende que cada emoção “prepara o corpo para um tipo de resposta diferente”. Destacam-se as seis emoções que trabalhamos em PES III, mais precisamente a alegria, a tristeza, o amor, o medo, a raiva e a calma. Podemos observar quais as suas funções e que alterações produzem no nosso estado de espírito, como por exemplo, alteração facial, alteração da linguagem corporal, da postura, da voz, do olhar quando as sentimos. Tal como Paulo Moreira (2010) afirma, existem dois tipos de emoções, as negativas e as positivas. Uma emoção negativa surge quando cria mal-estar aos seres humanos e nos sentimos com raiva, tristeza e medo, já as emoções positivas criam bem-estar. Quando nos sentimos bem, estamos a experienciar ou a transmitir amor, alegria ou calma.

Todas estas emoções devem ser trabalhadas com as crianças e são fundamentais para que elas consigam encontrar soluções para o seu dia a dia, para que conheçam e expandam a natureza e a diversidade dos seus sentimentos. Isto só é possível quando as crianças sabem identificar os seus sentimentos para, progressivamente, irem conseguindo compreender-se a si mesmas e aos outros que as rodeiam.

Capítulo III

1. Opções Metodológicas

Um dos fatores mais importantes de uma investigação é a metodologia que deve ser aplicada com o intuito de procurar dar resposta às questões de investigação. Assim compreende-se o método, como suporte do investigador no decorrer da sua investigação com objetivo de creditar o conhecimento.

Considerando que o ensino é mais do que uma atividade rotineira onde se aplica várias metodologias, é importante que haja exploração constante, a avaliação e reformulação da prática (Ponte, 2002).

Assim, a presente investigação situa-se no paradigma participativo, em que o processo de investigação se baseia na própria prática, numa constante construção de novos conhecimentos dividindo-se em quatro momentos importantes na investigação (Ponte, 2002):

1. Em primeiro lugar, inicia-se a investigação pela formulação do problema e/ou das questões do estudo;
2. A recolha de elementos que permitam responder às questões desse problema;
3. À interpretação da informação recolhida para tirar conclusões;
4. E por último, a divulgação dos resultados e conclusões obtidas.

Segundo Tuckman (2000):

O processo de investigação segue o método científico, ou seja, propõe um problema a resolver, constrói uma hipótese ou solução potencial para o problema, formula a hipótese de forma operacional (testável) e, então, tenta verificar esta hipótese por meio da experimentação. (p.22)

Esta investigação passa por uma abordagem reflexiva que tem como objetivo refletir sobre as suas práticas vindo assim a ter meios suficientes para uma boa prática. A reflexão na ação traz em si um saber que está presente nas ações profissionais, ou seja, a reflexão nessas ações consiste numa construção/mudanças na sua prática conduzindo a novos meios para soluções de problemas. De acordo com Alarcão (1996) a investigação sobre a própria prática é parte integrante do trabalho do professor que leva a uma reflexão crítica sobre a profissão, visando a melhoria. Nesta abordagem o educador de infância vai construindo o seu próprio conhecimento, vindo assim a ter meios para enfrentar os problemas emergentes dessa mesma prática.

Assim o presente trabalho de investigação apresenta características de investigação-ação, usando sempre uma linguagem e construção de significados enraizados num contexto partilhado, construindo novos conhecimentos para uma docência futura. Com isto o investigador desempenha um papel ativo explorando e refletindo sobre a sua própria prática, fazendo por fim uma avaliação, inserindo a participação das crianças como recurso da sua investigação. Segundo Soares (2004) afirmar que as crianças são sujeitos sociais completos, aptas na elaboração de interpretações sobre os seus mundos de vida e intérpretes das realidades sociais onde estão inseridos, considera as metodologias participativas com crianças como um auxílio metodológico relevante, pois as crianças não são um “simples objeto” mas sim, “importantes sujeitos de conhecimento” para um melhor resultado da investigação.

Concluindo assim, que a presente investigação irá passar pela utilização de uma metodologia qualitativa em que se insere os aspetos metodológicos, que todo o processo de investigação se baseia na prática: numa constante construção de novos conhecimentos através da aplicação de conhecimentos que emergem da análise partilhada da prática. Segue o método da investigação – ação que se baseia num ciclo de investigação em situações sociais segundo o psicólogo social Kurt Lewin, descrevem os problemas, seguidos da elaboração de um plano de ação, da colocação desse plano em prática que poderá dar origem a um novo plano de ação mais aperfeiçoado recomeçando assim um novo ciclo.

Segundo (Ponte, 2002) a investigação sobre a própria prática é um processo privilegiado de formação de conhecimento e os professores devem refletir e pesquisar sobre a própria prática:

- (i) Para se assumirem como autênticos protagonistas no campo curricular e profissional, tendo mais meios para enfrentar os problemas emergentes dessa mesma prática;
- (ii) Como modo privilegiado de desenvolvimento profissional e organizacional;
- (iii) Para contribuírem para a construção de um património de cultura e conhecimento dos professores como grupo profissional;
- (iv) Como contribuição para o conhecimento mais geral sobre os problemas educativos.

Pode-se então dizer que o que caracteriza a investigação sobre a própria prática é a reflexão sobre uma atividade investigativa do próprio investigador.

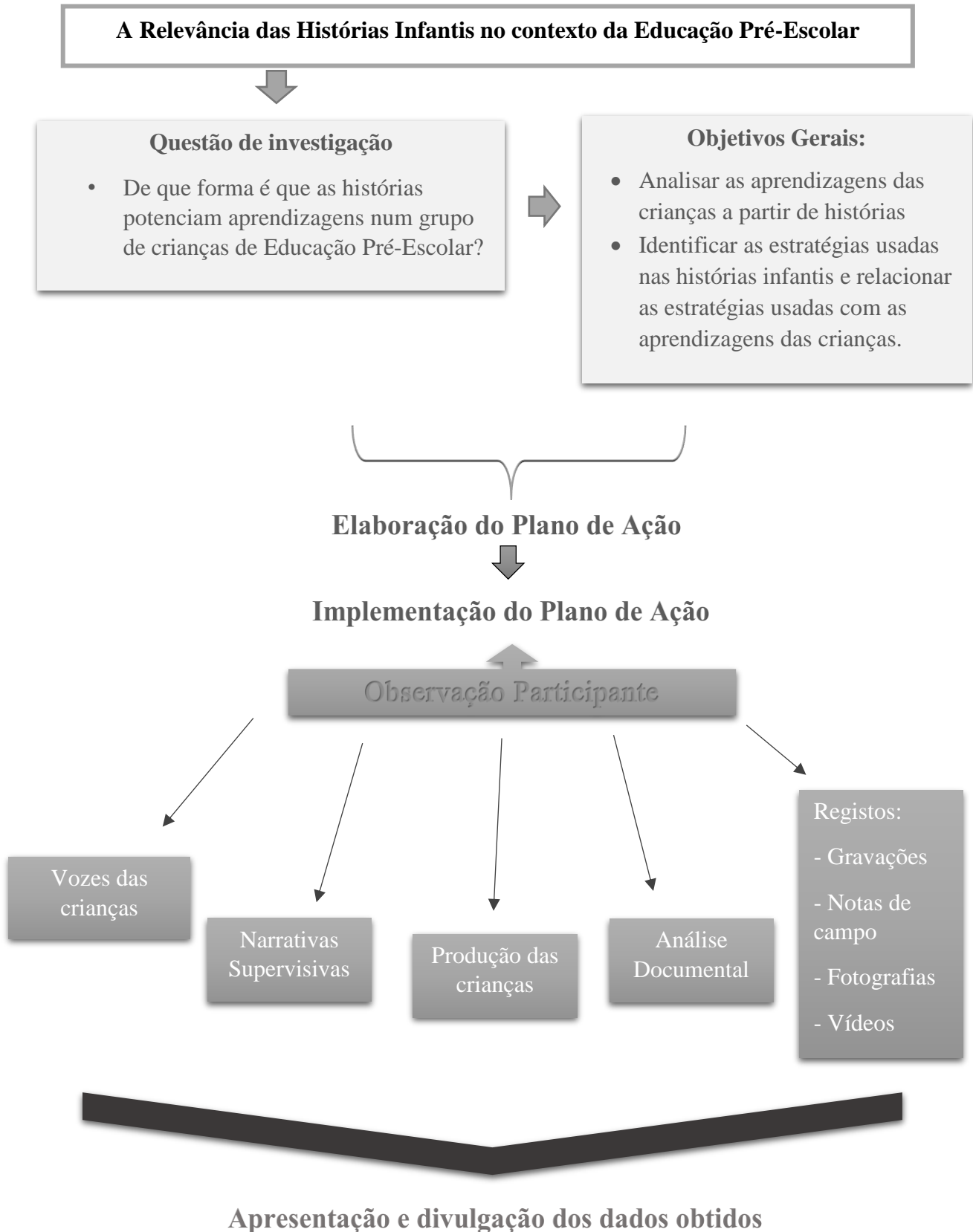
De acordo com Ponte (2002, p.14) “É a natureza das questões formuladas que determina a natureza do objecto de estudo e dos dados a recolher.”.

Ao longo do período de observação, foram utilizados diversos processos e técnicas para recolher e analisar dados relevantes sobre as atividades implementadas.

Nas primeiras duas semanas de estágio, foi realizada análise dos documentos em sala, observação direta, conversas informais com a educadora e restante equipa pedagógica, notas de campo com o intuito de iniciar o planeamento das atividades do plano de ação, de acordo com o projeto Curricular de Grupo e com as aprendizagens e interesses das crianças.

2. Plano de Investigação

Qualquer processo de investigação passa por fases. Nesta investigação as fases formam a fase da formulação do problema, da recolha de dados, a análise dos resultados e por fim as conclusões e divulgação do que foi feito até agora.



2.1 Descrição do Plano de Investigação

A investigação baseia-se na análise de como as histórias poderão ser relevantes em contexto da Educação Pré-Escolar.

O presente tema insere-se na Área de Expressão e Comunicação, no domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita numa ligação com todas as áreas de conteúdo, tendo em conta que a Área de formação Pessoal e Social deve estar inserida em todas as atividades, pois esta área “ (...) é considerada uma área transversal, porque, embora tenha uma intencionalidade e conteúdos próprias, está presente em todo o trabalho educativo realizado no jardim de infância.” (Silva et al., 2016, p.33).

Esta investigação iniciou-se no ano letivo 2018/2019 ao observar as dificuldades sentidas no campo da literatura infantil pelo grupo de crianças, e de como as histórias não eram trabalhadas devidamente. Apesar do interesse elevado das crianças pela leitura de histórias a educadora não valorizava a continuação do tema subjacente às mesmas.

Tendo em conta esta situação, em Prática Educativa Supervisionada II (PES II), considerou-se pertinente explorar as histórias articulando com várias áreas de conteúdo para que as crianças consigam ter uma aprendizagem mais significativa, indo sempre ao encontro dos seus interesses.

Em Prática Educativa Supervisionada III (PES III), quando a investigadora regressou, pôde verificar que, com a nova educadora, já tinha havido mudanças em relação à exploração das histórias. Assim já havia a “hora do conto” implementado na rotina, mas não se dava continuidade de atividades a partir das histórias, nem sentido/significado às histórias lidas. No presente ano letivo, através da observação, constatou-se que o grupo era bastante agitado e apresentava dificuldade em regular as suas emoções. Perante este problema, considerou-se pertinente utilizar esta estratégia pedagógica para motivar as crianças e envolvê-las nas atividades que as histórias podem sugerir e principalmente trabalhar o controlo das emoções, com o objetivo de atenuar problemas de conflito entre elas.

Posto isto, foi elaborado um plano de ação com propostas de atividades que interligassem as histórias com aprendizagens/conhecimentos em várias áreas de conteúdo, sendo que em PES III, utilizassem as histórias como estratégia de resolução de conflitos existentes no grupo propondo atividades nas várias áreas de conteúdo.

Assim uma investigação deve passar por quatro momentos principais, tais como a formulação do problema, a recolha de dados, em seguida a interpretação dessa recolha e por fim a divulgação da conclusão dos dados obtidos.

Esta investigação decorreu em quatro fases, como se pode verificar no Quadro 1.

A primeira fase é designada pelo diagnóstico, que abrange a observação do contexto, identificação da problemática, exploração da mesma, conversa com a educadora cooperante, orientadora e coorientadora para a designação da problemática e as suas questões e por fim a definição da questão e objetivos para a presente investigação.

A segunda fase consiste na elaboração e implementação do Plano de Ação e tudo o que engloba a elaboração e revisão da investigação.

A terceira fase contempla a implementação do Plano de Ação e a sua reflexão, é apresentado a análise e recolha de dados que resultam da própria prática em PES II e PES III. Nesta fase são analisados os dados retirados através de várias recolhas ao longo da prática e de uma entrevista feita às crianças no final de PES III.

Por último, a quarta fase resulta da resposta à questão e os seus objetivos, ou seja, exploração e avaliação de todo o trabalho desenvolvido com o grupo ao longo da prática.

Quadro 1 - Fases de investigação comum a ambos os contextos

1ª Fase	2ª Fase	3ª Fase	4ª Fase
Formulação do Problema	Recolha de dados	Análise e discussão dos resultados	Conclusão/Divulgação
- Observação do contexto - Identificação e definição da problemática	- Observação do grupo - Conceção do plano de ação - Implementação do Plano de ação - Recolha de dados	- Análise reflexiva da implementação do plano de ação - Síntese dos resultados	- Resposta às questões e objetivos da investigação (avaliação e conclusões) - Apresentação do que foi realizado até agora

2.1.1 Caracterização do Contexto Institucional

A instituição onde foi realizada a componente de estágio da Prática de Ensino Supervisionada II e III, é uma instituição pública localizada no concelho de Loures. Faz parte de um agrupamento de escolas composto por quatro estabelecimentos de ensino, dos quais dois de 1º ciclo e Jardim d Infância (JI), um de 2º e 3º ciclos e outro que integra o 3º ciclo e ensino secundário.

A instituição está situada numa área residencial, composta por condomínios e por um parque infantil rodeado de zona verde. Este estabelecimento de ensino funciona das 9h00 da manhã às 17h30 da tarde e está organizado em três núcleos distintos: o núcleo central, onde podemos ter acesso às áreas comuns de apoio funcional a toda a comunidade escolar, tais como o átrio, refeitório, ginásio com balneários, cozinha e respetivos anexos, gabinete médico e área de recreio coberto; o núcleo de Jardim de Infância que está localizado no piso 0 e que é composto por quatro salas e por fim o núcleo de 1º ciclo, que está localizado no piso 1, organizado por oito salas de aula equipadas com quadros interativos, cacifos para os alunos, uma sala de arrumos, um espaço comum a cada duas salas, destinado aos trabalhos de expressão plástica, uma sala reservada às Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) e a biblioteca escolar.

Para corresponder às necessidades da comunidade escolar, a instituição dispõe ainda de vários wc, dispersos pelos dois pisos, quatro no piso 1, sendo que um está destinado ao uso exclusivo de crianças com Necessidades Educativas (NE) e nove no piso 0. Cada sala de Jardim está equipada com o seu próprio wc e duche.

Dentro da instituição podemos ainda encontrar o gabinete de coordenação, uma sala de professores, duas salas de refeições para pessoal não docente e uma sala de pequenos grupos onde funciona as Atividades de Tempos Livres (ATL). É importante referir que uma das salas de JI, depois da componente letiva é utilizada para receber as crianças que frequentam o Serviço de Apoio à Família (SAF), no Prolongamento de Horário (PH).

O Jardim de Infância integra cerca de 91 crianças entre os três e os seis anos de idade, distribuídas pelas quatro salas. Duas das salas de JI correspondem a um grupo onde estão introduzidas crianças com NE.

O 1º Ciclo desenvolve a sua atividade agrupando um total de 192 crianças, das quais 46 fazem parte do primeiro ano, 44 do segundo ano, 51 do terceiro ano e por fim 51 do quarto ano de escolaridade.

A equipa pedagógica da instituição conta com um vasto núcleo de profissionais que diariamente ajudam no processo de ensino-aprendizagem de todas as crianças. Para uma melhor leitura, segue-se o quadro dois:

Quadro 2 - Equipa pedagógica da instituição

Função Profissional	Recursos Humanos
Coordenadora de Estabelecimento	1
Educadores de Infância	4
Professores de 1ºciclo	8
Professor de Ensino Especial	1
Professores de Aulas Extracurriculares	6
Terapeutas de fala	1
Psicólogo	1
Assistentes Operacionais	10
Cozinheira	1
Auxiliares de cozinha	3

A componente letiva do Jardim de Infância inicia-se às 9h e termina às 15h30.

O horário de funcionamento do 1ºciclo tem início às 9h da manhã e término às 15h30. Todos os dias, durante uma hora, das 16h15 às 17h15, as crianças têm Atividades de Enriquecimento Curricular (AEC) onde são abordadas várias áreas como Educação Física, Dança, Expressões, Oficina dos Afetos, Música, entre outras.

As Atividades de Tempos Livres (ATL) funcionam no período das 7h00 às 9h00 da manhã e das 15h30 às 19h30, compreendem cerca de 40 crianças de 1ºciclo e conta com o apoio de três monitores. O serviço de Prolongamento de Horário (PH) funciona das 8h30 às 9h00 da manhã e das 15h30 às 18h30 e abrange um grupo de 60 crianças sensivelmente, acompanhadas por três monitores. Estas duas componentes são serviços que estão ao encargo da Associação de Pais e Encarregados de Educação do Agrupamento.

O espaço exterior da instituição dispõe de um campo de futebol equipado com cestos de basquete, uma zona verde e um parque infantil, com uma área revestida por um pavimento sintético de borracha. Este espaço oferece vários divertimentos como escorrega, sobe e desce, cordas, mini escaladas, uma casinha de brincar, triciclos e vários brinquedos onde as crianças podem brincar, divertir-se e explorar livremente todo este

espaço ao ar livre. Desenhados no chão, podemos ainda encontrar jogos tradicionais, como a macaca e o jogo da semana.

O serviço de cozinha conta com uma equipa de pessoal especializado que confeciona diariamente todas as refeições. A alimentação atende às necessidades de nutrição das crianças e às suas respetivas restrições alimentares, contribuindo para o seu crescimento e desenvolvimento, bem como para a formação de hábitos alimentares saudáveis.

2.1.2.1 Caracterização do Ambiente Educativo

A organização do ambiente educativo contempla quatro dimensões importantes: a dimensão organizacional, onde podemos verificar como se encontra organizado o espaço e os materiais, a planta da sala de aula e a diversidade e qualidade dos materiais e recursos educativos; a dimensão temporal, que reflete a organização do tempo e das rotinas da sala de atividades; a dimensão relacional em que se exploram as interações do adulto com a criança e entre crianças e por fim, o envolvimento parental.

2.1.2.2 Dimensão Organizacional

De acordo com Silva et al. (2016)

A organização e a utilização do espaço são expressão das intenções educativas e da dinâmica de grupo, sendo indispensável que o educador se interrogue sobre a função e finalidades educativas dos materiais de modo a planear e fundamentar as razões dessa organização. (p.26).

A sala onde desenvolvemos a nossa observação é ampla e tem boa luminosidade natural. Possui três janelas de vidro, equipadas com estores. Duas janelas encontram-se por trás da área do tapete, e a outra por trás da área da garagem/construções. Tem duas portas, a de entrada, e a outra ao fundo da sala que dá acesso ao exterior.

A sala possui paredes não abrasivas, têm cores claras que permitem um bom isolamento térmico e acústico. O pavimento é confortável e lavável.

Sendo as crianças aprendizes ativas, necessitam de uma variedade de materiais versáteis, que apoiem a sua abordagem às diversas aprendizagens. A brincadeira constitui uma profunda fonte de satisfação e prazer para a criança. É importante que todas brinquem, pois ao brincar, estas estão a envolver-se num ambiente de aprendizagem.

Os recursos/materiais, quando são utilizados pelas crianças desenvolvem nelas uma série de competências, logo, ao experimentar cada recurso específico em situações exploratórias distintas e variadas, a criança está a construir novos conceitos. Deste modo, a sala de atividades está adaptada às características e idades das crianças. Para além disto, é também um espaço amplo e acolhedor que tem vários materiais ao dispor das crianças.

A sala encontra-se organizada por áreas, de forma a promover a cada criança diferentes experiências e diversidade de escolha. A distribuição das crianças nestas áreas é feita aleatoriamente e de acordo com o interesse demonstrado por cada uma. Isto porque, segundo Hohmann e Weikart (2009), a sala de atividades deve encontrar-se dividida por áreas de interesse “...como tal, o respectivo material está disposto por cada área de modo a apoiar uma variedade lata de actividades lúdicas, adaptadas aos interesses e às capacidades emergentes das crianças.” (p. 178).

Segue-se uma breve descrição de cada um dos espaços:

Área da casinha: aqui as crianças podem brincar com bonecas, com utensílios relacionados com a cozinha fomentando a imaginação, interpretando as personagens do contexto em que se encontram inseridos, por exemplo a mãe, o pai, ou seja, proporcionar momentos de “faz-de-conta” e de representação. As crianças têm oportunidade de representar o que sabem sobre as pessoas que observam e com quem interagem no seu dia-a-dia, em que experimentam papéis como: as mães, os pais, os bebés, animais de estimação, mudar de casa, telefonar a um amigo, fazer um almoço de família, dar uma festa.

Esta possui, um fogão, uma mesa e dois bancos, um espelho, loiça diversa, cesto, um armário com roupa e malas, cama, vários bebés, tábua de engomar, entre outros. Neste espaço, as crianças desenvolvem atividades de imitação, exploração e jogo simbólico e dramático, quer individualmente, quer com o grupo de pares.



Figura 1- Área da casinha

Área da garagem e das construções: estas áreas encontram-se numa das laterais da sala, tem um tapete com vários circuitos, sinais de trânsito, carros, legos e blocos para construções.

Nestas áreas, as crianças têm oportunidade de brincar com carros e outro tipo de meios de transporte, estimulando a aprendizagem dos conceitos de tamanho, superfície, forma, peso, volume, quantidade e equilíbrio, entre outros. Relativamente às construções, as crianças desenvolvem atividades de construção e exploração.



Figura 2 - Área da garagem e das construções

Área da mesa: é neste espaço que a Educadora trabalha com as crianças, em pequeno ou em grande grupo consoante as atividades planeadas. Nas mesas não existe qualquer tipo de material, estes são colocados pela Educadora no momento da atividade e mediante as necessidades. No final de cada atividade, os materiais são retirados do alcance das crianças, evitando assim possíveis incidentes e danos materiais.

É uma zona onde as crianças podem manusear plasticina e fazer as mais diversas brincadeiras com a mesma., também é onde as crianças podem desenhar, pintar ou escrever, tendo ao seu dispor, canetas de feltro, lápis de cera ou lápis de cor.



Figura 3 - Área da mesa

Área do tapete/acolhimento: esta é a área onde se realiza o acolhimento, a marcação das presenças, onde se distribuem as tarefas do dia, a hora do conto, momentos de relaxamento, bem como partilhas e reflexões em grande grupo. Esta é também uma área onde se realizam jogos de chão.



Figura 4 - Área do tapete/acolhimento

Área da Biblioteca: nesta área existe ao dispor das crianças vários livros e um cantinho com duas almofadas e um tapete para se sentirem confortáveis na sua leitura.



Figura 5 - Área da Biblioteca

Área de Multimédia: neste espaço existe um computador com colunas e duas cadeiras onde as crianças podem visionar filmes e fazer pesquisas e um rádio para poderem ouvir música.



Figura 6 - Área de Multimédia

Área das Ciências: é neste espaço que se encontram vários materiais e objetos de exploração em ciências, disponibilizados pela educadora, tais como, microscópio, fósseis, rochas e uma lupa para observação. Este espaço ainda não se encontra completo, pois a educadora pretende melhorá-lo com a ajuda das crianças, para que fique do gosto e interesse de todos.



Figura 7 - Área das Ciências



Figura 8 - Planta da sala

Legenda:

- | | |
|--|--|
| 1 - Entrada | 13 – Estante com livros e materiais de escrita |
| 2 – Zona dos cabides | 14 – Quadro e móvel com almofada do pensamento |
| 3 – Móvel dos jogos didáticos | 15 – Móvel das tintas |
| 4 - Dispensa | 16 – Lavatório |
| 5 – Casa de banho | 17 – Mesa Redonda |
| 6 – Área do tapete/acolhimento | 18 – Mesa |
| 7 – Armário de arrumação do material | 19 – Área da expressão plástica |
| 8 – Móvel dos brinquedos, plasticina e jogos para o tapete | 20 – Área dos jogos de mesa |
| 9 - Área da garagem/construções | 21 – Área da casinha |
| 10 – Área das ciências | 22 – Móvel |
| 11 – Área de Multimédia | 23 – Porta para o exterior |
| 12 - Biblioteca | 24 – Janelas |

2.1.2.3 Dimensão Temporal

Para Hohmann e Weikart (2009) “Os elementos da rotina diária planeamento, trabalho, revisão, grupo pequeno, grupo grande, e tempo de exterior-proporcionam um enquadramento comum de apoio às crianças, à medida que estas, ao longo do dia, perseguem os seus interesses e resolvem problemas.” (p.222).

Quadro 3 – Rotina

Atividade	Descrição
9h00 às 9h30 Acolhimento	As crianças são recebidas no tapete, marcam as presenças e as tarefas da semana, contam as novidades e conversam com a educadora.
9h30 às 10h30h	Áreas de brincadeira e trabalho na atividade do dia
10h30 às 11h00	Higiene e hora do lanche
11h00 às 11h30 Recreio	Brincadeira livre no exterior ou nas várias áreas da sala de atividades.
11h30 às 12h30 Almoço	No refeitório as crianças são apoiadas pelas educadoras e auxiliares até às 12h00, Após essa hora é o PH (Prolongamento de Horário) que coordena os almoços.
12h30 às 14h	Atividades nas áreas ou no exterior Até às 13h30 o recreio ou as atividades livres são orientadas pelo PH. Após essa hora, é pelas educadoras e auxiliares.
14h00 às 14h30 14h30 às 15h15 15h15 às 15h30	Hora do conto e momento de relaxamento Estão na sala de atividades a trabalhar. Preparam-se para a saída
15h30 às 18h30 PH/lanche/saídas	As crianças ficam em cargo do prolongamento de horário e são acompanhadas por monitores que pertencem à associação de pais do agrupamento.

Esta rotina diária permite ao adulto estruturar o seu dia de forma a gerir melhor o tempo, bem como à criança compreendê-lo, mas estas são flexíveis, pois com crianças os imprevistos acontecem algumas vezes.

Demais, estes momentos diários deverão ser vistos como experiências de aprendizagem importantes que ajudarão a criança a antecipar os acontecimentos que se vão seguir, promovendo a sua autonomia.

2.1.2.4 Dimensão Relacional

De acordo com a Teoria do Desenvolvimento Cognitivo de Jean Piaget, a interação entre pares é importante porque confronta a criança com muitos outros pontos de vista e favorece a descentração, essencial ao desenvolvimento sócio afetivo e social.

Relação criança-criança

A relação entre as crianças é, na sua generalidade tranquila. Percebe-se que existem pequenos grupos que têm relações de maior proximidade entre eles, que foram criados por afinidade e empatia. Um dos critérios presente na origem destes pequenos grupos é a idade. Crianças mais novas tendem a brincar e a estabelecer relações mais próximas com crianças da mesma faixa etária, assim como acontece com crianças mais velhas. Outro princípio que se nota estar presente nestas relações é o nível de desenvolvimento. Existe dentro do grupo um exemplo que explica este último, que é o caso de quatro dos rapazes com maiores dificuldades ao nível do desenvolvimento em geral, que estabelecem uma relação de grande amizade, escolhendo estar praticamente sempre juntos nas atividades e nas brincadeiras, tanto dentro como fora da sala. O mesmo se nota com crianças mais desenvolvidas que tendem a estabelecer relações de amizade mais próxima com crianças do mesmo nível de desenvolvimento.

A maioria das crianças gosta de brincar tanto em pequeno como em grande grupo. Todas as crianças são encorajadas pela educadora a estabelecerem um ambiente de colaboração, entreajuda, companheirismo e amizade entre elas.

Relação criança/ educadora e Auxiliar de Ação Educativa

A educadora não acompanha todas as crianças desde a sua entrada no jardim-de-infância, sendo de salientar que a mesma reiniciou a sua atividade na sala este ano letivo. Ainda assim, a relação que estabelece com as crianças é uma relação firme, de confiança e respeito mútuo, estando a ser construída aos poucos. Esta, por sua vez, ouve-os dando-lhes voz ativa e deixando que participem na tomada de decisões na sala, legando-lhes responsabilidade, o que de alguma forma, os faz sentir importantes e que tem um papel de relevância, ganhando assim a confiança do grupo e fomentando esta relação, sempre com base no respeito pelas regras e pelo outro.

A relação das crianças com a auxiliar de sala é passiva, no entanto ainda não foram criados laços afetivos entre ambos.

De acordo com o que foi observado, constata-se que tanto a educadora como a auxiliar de sala, têm um papel importante no dia-a-dia destas crianças, no entanto é a educadora o exemplo de referência. Sempre que as crianças vivenciam situações negativas, principalmente com os pais, tendem a procurar de imediato a educadora a fim de lhe retratar o sucedido. O mesmo acontece em situações contrárias, em que as crianças têm sucesso e fazem questão de o partilhar com a Educadora, que os felicita, transmitindo alegria e motivação.

Envolvimento parental

A família é o primeiro agente de socialização da criança, apresentando por isso um papel imprescindível e de extrema importância principalmente nos seus primeiros anos de vida. É com a família que a criança cria e desenvolve os primeiros laços afetivos e emocionais, seguindo modelos de comportamento. Quando a criança chega à escola já traz consigo alguns hábitos e normas adquiridos do seu contexto familiar e do meio que a envolve, como regras básicas de educação e hábitos de higiene, por exemplo.

A relação entre a educadora e os pais ou encarregados de educação, deve ser uma relação próxima de respeito mas principalmente, de grande confiança, uma vez que os pais precisam de confiar nos profissionais a quem irão entregar os seus filhos, pois são esses mesmos profissionais com quem os filhos passam grande parte do seu dia e que os vão ajudar a crescer.

Desta forma, é também importante que a instituição promova e estimule a participação das famílias na escola e nas atividades desenvolvidas na sala. Durante o período de observação, conseguimos constatar que a educadora solicita a participação das famílias não só em reuniões, bem como durante a componente letiva, no contexto dos projetos que vão decorrendo ao longo do ano, alusivos ao projeto educativo da instituição e ao projeto da sala.

Para fácil comunicação entre a educadora e a família, a instituição disponibiliza a cada criança uma caderneta individual, onde são registadas informações pessoais, registos diários sobre a mesma, aspetos importantes do dia ou simplesmente para convidar as famílias a estarem presentes na escola em dias festivos.

Ao longo do ano letivo a educadora realiza uma reunião no fim de cada período, onde os pais podem ter acesso à avaliação dos seus educandos, bem como esclarecer ou tratar outros assuntos. Para além disso, são realizadas reuniões individuais com os

encarregados de educação para dar a conhecer o plano individual elaborado para cada criança com objetivos específicos de acordo com as suas características e necessidades.

Os responsáveis técnicos, a educadora ou a coordenadora da escola estão sempre disponíveis para um atendimento individualizado às famílias, sempre que se considere necessário para qualquer uma das partes.

2.1.3. Caracterização do Grupo

O grupo onde foi desenvolvido o presente projeto de intervenção é composto por 21 crianças, com idades compreendidas entre os três e os seis anos de idade. É um grupo heterogéneo, constituído por dez raparigas e onze rapazes.

Quadro 4 - número de crianças e a sua distribuição por género e idade

Idade	3 anos		4 anos		5 anos	
Género	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
	-	3	5	5	5	3
Total	3		10		8	

No quadro quatro, pode ler-se o número de crianças e a sua distribuição por género e idade. Este registo foi feito durante a primeira semana de intervenção.

Relativamente ao ano letivo (2019/2020) é importante referir que uma das crianças com quatro anos ingressou na turma apenas no mês de novembro, não estando inserida no grupo desde o início do ano letivo. É uma criança cuja primeira língua não é português, o que explica muito sobre o seu comportamento comparativamente ao restante grupo, esforçando-se por falar o português por repetição de palavras.

Existem no grupo de crianças duas com Necessidades Educativas (NE), uma das crianças com NE tem cinco anos e até ao momento apresenta um atraso desenvolvimento sem etiologia conhecida (motor, linguagem/comunicação e emocional). É uma criança que está inserida em terapias e continua em constante avaliação. Segundo a técnica de intervenção precoce e a docente de educação especial “O S apresenta um grau de hiperatividade, com imaturidade psicomotora (desajeitamento e descoordenação) e atraso da linguagem”.

A outra criança tem três anos, ainda usa fralda e apresenta um síndrome de microdelecção 2q37.

Das vinte e uma crianças que compõem o grupo, apenas nove frequentam o jardim-de-infância há mais de um ano, sendo que as restantes foram inseridas no contexto pela primeira vez.

Existem algumas disparidades quanto às nacionalidades dentro do grupo, sendo que podemos encontrar crianças portuguesas, brasileiras, paquistanesas, angolanas e indianas.

Observam-se também relações familiares no grupo, mais precisamente irmãs gémeas.

O grupo é constituído por crianças que provêm de meios socioeconómicos diferentes, apesar de que maioritariamente pertençam à classe média. Observámos apenas um caso que se distancia dos outros, de uma criança que vem de uma família com baixos rendimentos económicos.

De uma forma geral, são crianças que se encontram em diferentes níveis de desenvolvimento cognitivo, motor, linguístico, afetivo e social. No entanto, a maioria do grupo é muito ativo, curioso e comunicativo. Têm gostos próprios e interesses diversos, logo, a participação, iniciativa e espírito crítico diferem, existindo umas crianças que se caracterizam pelo excesso e outras pelo défice. Têm personalidades fortes, são voluntariosas e gostam sempre de participar nos momentos do dia ou nas atividades que são propostas, querendo sempre ajudar os adultos na sua preparação.

Na sua maioria, o grupo demonstra um grande interesse pela investigação e descoberta de coisas novas. São persistentes nas suas tarefas, querem fazer sempre o que lhes é proposto, são bastante comunicativos e apresentam sugestões. No entanto, existem alguns casos de crianças menos ativas e predispostas a intervir. São crianças que necessitam de uma maior intervenção e atenção por parte do adulto, a fim de cativar o seu interesse e despertar as suas capacidades.

O gosto em partilhar e experienciar com os amigos as atividades que mais apreciam é notório. Procuram os adultos com alguma frequência, para partilharem experiências e oferecer ajuda, são autónomas e gostam de apoiar os pares. Tem interesses diversificados, no entanto destacam-se com maior relevância o gosto pela leitura de histórias e o prazer em cantar e aprender músicas novas.

No que diz respeito às refeições é um grupo na sua generalidade bastante dependente do adulto, salvo os casos das crianças mais velhas que são mais desenvolvidas e independentes. A maioria do grupo precisa muito do auxílio do adulto para comer, pois a postura geral é colocar as mãos para baixo, como se esperassem que lhes fosse dado à

boca. É sempre um momento difícil e de *stress* para muitos deles, pois, frequentemente, vêm o momento da refeição como um momento angustiante. Isto pode dever-se ao facto de muitos deles serem de outras etnias e religiões, onde a alimentação é mais restrita e menos variada, o que lhes dificulta a ingestão de vários alimentos que dizem não gostar, por não fazerem parte da sua alimentação diária.

Relativamente ao comportamento, este ano letivo (2019/2020), o grupo é composto por mais crianças, além de terem mais uma criança com NE, tem crianças com bastantes dificuldades em respeitar as regras gerando muitas vezes situações de conflito.

2.1.3.1 Participantes

Relativamente ao ano letivo 2018/2019, visto que as atividades propostas são realizadas em grande grupo, considerou-se que para primeira recolha de dados era importante avaliar o grupo todo no primeiro registo de opinião que consistia num desenho que as crianças tinham que fazer consoante a história que gostaram mais.

Na segunda folha de registo e para uma recolha mais precisa, foram seleccionadas quatro crianças com idades diferentes. Esta seleção teve como critérios a assiduidade das crianças, bem como forma de facilitar a compreensão da diferença de aprendizagens entre as faixas etárias. Este registo consistia em perceber que aprendizagens as crianças tinham adquirido nas duas histórias exploradas.

No presente ano letivo 2019/2020 para instrumento de recolha de dados optou-se por introduzir a entrevista. Este instrumento foi realizado às quatro crianças anteriormente seleccionadas, à exceção da criança de seis anos, pois já ingressou no 1º ano.

As crianças foram identificadas com iniciais para preservar o seu anonimato:

Criança A

Tem três anos e é do sexo feminino. É uma criança calma, mas que por diversas vezes parece revelar dificuldade em tomar atenção ao que está a acontecer.

Criança C

Tem quatro anos e também é do sexo feminino. É uma criança muito meiga e por vezes muito distraída.

Criança K

Tem cinco anos e é do sexo feminino e tem uma irmã gémea que se encontra na mesma sala. Apesar de ser nacionalidade Portuguesa, provém de origem indiana, mas fala fluentemente português. É uma criança que apresenta uma elevada capacidade de

raciocínio para a sua idade. É muito meiga, muito crescida e responsável. Esta criança revela muito interesse por aprender coisas novas e adora histórias.

Criança Z

Tem seis anos e é do sexo masculino. É uma criança com uma capacidade de resposta muito elevada. É uma criança com muito interesse por aprender coisas novas, gosta muito de ajudar em tudo o que é preciso em sala.

2.2. Instrumentos de Recolha e Análise de Dados

Ponte (2002) refere que “a recolha de elementos para responder às questões do estudo pressupõe a realização de um plano de investigação (...)” (p.13) o que neste estudo foi efetuado.

Numa primeira fase, foram utilizadas algumas técnicas para a recolha de dados. A primeira delas foi a observação. De acordo com Silva, Marques, Mata e Rosa (2016) “Observar o que as crianças fazem, dizem e como interagem e aprendem constitui uma estratégia fundamental de recolha de informação.” (p.13). Esta técnica foi realizada ao longo de todo o período de estágio, com o intuito de analisar os vários comportamentos e interesses das crianças, possibilitando assim atividades enriquecedoras, indo ao encontro do interesse das mesmas.

A observação participante é uma técnica de análise qualitativa, pois todos os dados que são recolhidos partem do que o observador evidencia, o que é muito importante para quem observa.

Nesta fase também foram utilizadas as Narrativas Supervisivas como forma de recolha de dados e foram fundamentais na investigação, pois através delas pude refletir sobre a prática e obter resultados da investigação.

O registo fotográfico foi uma ferramenta que utilizei para auxiliar as Narrativas Supervisivas. Foi realizado em todo o período de estágio, principalmente nas atividades, tendo como objetivo captar as expressões e comportamentos das crianças ao realizar as tarefas.

No ano letivo anterior, um dos instrumentos utilizados consistiu em duas folhas de registo ao grupo com o intuito de perceber se a estratégia utilizada foi bem sucedida. Uma das folhas de registo foi retirada do livro “Falar, Ler e Escrever”, de Fernanda Leopoldina Viana e Iolanda Ribeiro, 2017.

No presente ano letivo, no final do estágio foi realizada uma pequena entrevista às crianças, com o objetivo de constatar se a exploração das histórias e a sua leitura tiveram algum impacto nas aprendizagens das mesmas, esta entrevista teve como questões: Gostas de ouvir histórias? Quais foram as histórias que vimos, lembraste? Gostaste das histórias que ouviste? Porquê? Qual foi a história que gostaste mais? Porquê? O que é que aprendeste depois de termos lido a história do “Monstro das Cores”? e da história “o gato quer mimos”? (Anexo B). Quando se realiza uma entrevista às crianças devemos ter certos cuidados, a maneira como questionamos as crianças, o vocabulário que utilizamos (tem de ser adaptado), entre outros.

E foi realizada outra entrevista à educadora cooperante, com o intuito de perceber quais os contributos da implementação do plano de ação e compreender, na perspetiva da educadora a relevância das histórias na Educação Pré-Escolar, como podemos verificar no (Apêndice D) as questões e objetivos para a entrevista.

Para que seja permitida uma triangulação de dados, conseqüente entender/compreender o estudo realizado, é importante que a recolha de dados seja realizada de diversas fontes.

2.2.1 Observação direta: Observação Participante

A observação consiste numa técnica de recolha de dados direta, tal como Aires (2015) afirma “A observação consiste na recolha de informação, de modo sistemático, através do contacto directo com situações específicas.” (p.24).

Para a elaboração da presente investigação, recorreu-se ao método da observação participante, de acordo com Aires (2015) uma observação naturalista, ou seja, sendo natural, permite obter conhecimento direto no contexto.

A observação não consiste em apenas ver, o investigador tem de ser real e envolver-se no meio do grupo que pretende estudar.

Este método de recolha de dados segundo Aires (2015, p.25) “permite obter o conhecimento direto dos fenómenos tal como acontecem num contexto, os investigadores são livres de pesquisar conteúdos que sejam significativos para a investigação”. Para a mesma autora, a observação fornece informações através das notas de campo, as fotografias e vídeos, os documentos das crianças, isto é, as suas produções, entre outros.

Segundo as Silva et al. (2016) “Observar o que as crianças fazem, dizem e como interagem e aprendem constitui uma estratégia fundamental de recolha de informação.” (p.13).

Esta observação foi efetuada ao longo do período de intervenção com o papel de observar o grupo e o seu comportamento, dando a possibilidade de elaborar propostas de atividades que fossem sempre ao encontro dos interesses das crianças.

Na observação participante, o investigador consegue analisar, a partir dos dados que o participante evidencia no momento, ou seja, é na observação direta que o investigador analisa as crianças na elaboração das suas atividades, perceção das dificuldades sentidas e os conhecimentos a cerca do mesmo, com isto, o investigador procura respostas à questão de investigação.

2.2.2. Produções das Crianças - Escritas e Oraís

As produções das crianças são uma forma de recolha de dados que consiste nas produções gráficas das crianças, como por exemplo, nestas idades o desenho e o mais utilizado pelas crianças como forma de expressão.

De forma a apresentar uma maior importância aos documentos realizados pelas crianças, podemos verificar que os autores Bogdan e Biklen (1994, p. 176), afirmam que “embora não sejam tão utilizados, os materiais que os sujeitos escrevem por si próprios também são usados como dados”.

2.2.3 Observação Indireta: Registo Fotográfico e Vídeo

O registo fotográfico foi crucial para dar auxílio às notas de campo e às narrativas Supervisivas.

Segundo Bodgan e Biklen (1994) “As fotografias obtidas podem proporcionar informação sobre o comportamento dos sujeitos, a sua intenção e a sua forma de apresentação em determinadas situações” (p.141), permitindo a clarificação dos dados obtidos.

Este registo foi realizado ao longo de toda a prática, registando os momentos das crianças e as suas expressões ao realizarem as atividades propostas. É importante referir que a autorização para fotografar e filmar foi previamente pedida e aceite pelos Encarregados de Educação.

A utilização desta técnica, segundo Bodgan e Biklen (1994) “(...) está intimamente ligada à investigação qualitativa” (p.183).

2.2.4 Narrativas Supervisivas/ Notas de Campo

Estes dois fatores de recolha de dados (narrativas Supervisivas e notas de campo) foram a principal ferramenta de trabalho nesta investigação. Através da articulação destes instrumentos, foi possível obter resultados.

As notas de campo foram uma estratégia utilizada ao longo do período de estágio, tanto em PES II como em PES III, permitiu o registo de momentos importantes observados nas crianças e no seu dia a dia.

Segundo Bodgan e Biklen (1994) “as notas de campo consistem em dois tipos de materiais: primeiro é descritivo, em que a preocupação é a de captar uma imagem por palavras do local, pessoas, ações e conversas observadas. O outro é reflexivo, a parte que apreende mais o ponto de vista observador, as suas ideias e preocupações.” (p.152).

2.2.5 Entrevista

Esta forma de recolha de dados revela-se especificamente útil, no sentido em que estes poderão ser analisados em cruzamento com os dados obtidos ao longo da prática Pedagógica.

A entrevista é das técnicas mais importantes e utilizadas para a recolha de dados sobre determinado conteúdo. Esta técnica consiste numa conversa entre o entrevistador e o entrevistado, em que existe uma exploração de conhecimento individual e experiência dos intervenientes, não só sobre as suas opiniões, como também na forma como pensam e porque pensam, tal como Aires (2015) afirma “A entrevista compreende, assim, o desenvolvimento de uma interação criadora e captadora de significados em que as características pessoais do entrevistador e do entrevistado influenciam decisivamente o curso da mesma.” (p.29).

É neste sentido que, no fim de todas as atividades realizadas com as crianças, pretendeu-se recolher dados sobre as perceções das crianças relativamente às aprendizagens que obtiveram em relação às histórias e posteriormente uma entrevista, à educadora cooperante com o intuito de perceber a relevância atribuída pela educadora às histórias na Educação Pré-Escolar.

Para Bodgan e Biklen (1994, p.134) este método de recolha de dados, como a entrevista, em investigação qualitativa, constitui uma estratégia que pode ser utilizada em articulação com a observação, a análise de documentos existentes em sala, entre outras técnicas.

A entrevista é utilizada para recolher dados e varia quanto ao grau de estruturação, podem ser estruturadas, semiestruturadas e não estruturadas. A entrevista realizada em PES III, consiste numa entrevista estruturada, pois, segundo Aires (2015) “As entrevistas estruturadas consistem na interação entre entrevistador e entrevistado com base num conjunto de perguntas pré-estabelecidas e num conjunto limitado de categorias de resposta; as respostas são registadas pelo entrevistador de acordo com o sistema de codificação previamente estabelecido.” (p.28).

A entrevista realizada teve como base um guião estruturado com as diversas questões, foi gravada e de seguida transcrita como podemos verificar no Apêndice G.

2.3 Plano de Ação

Nesta problemática “A Relevância das Histórias Infantis no contexto da Educação Pré-Escolar” foram abordadas as preocupações sentidas no trabalho do diagnóstico efetuado através da observação inicial feita às crianças. Durante o período de observação, pude perceber que a educadora atribuía pouca relevância à Literatura para a Infância. Porém, o grupo de crianças, numa atividade que um pai foi realizar à escola a convite do jardim de infância, mostrou-se bastante interessado e motivado. Essa atividade consistiu na leitura e exploração temática de uma história.

Não só pelo gosto que, a título pessoal, tenho por esta temática, mas também pela pertinência pedagógica, considerarei que as crianças deveriam contactar mais com a diversidade de histórias que existem para serem exploradas por elas, obtendo com isso aprendizagens significativas nas várias áreas de conteúdo.

Atualmente, estamos cientes da importância que as histórias representam no desenvolvimento da criança. Através destas construções literárias, podemos obter informação sobre o mundo que nos rodeia, permitindo-nos pensar e refletir, conhecer os outros e a nós mesmos. Desde tempos imemoriais que as histórias nos divertem (as fábulas de Esopo, por exemplo) nos agitam, nos transportam para outro lugar para um mundo de imaginação, para o mundo dos sonhos, para o mundo das realidades ficcionadas, como Rigolet (2009, p. 130) afirma “A fada é a dona da linguagem mágica.

Ela é “dadora da palavra” e possui dois instrumentos de metamorfose: a varinha e as palavras”.

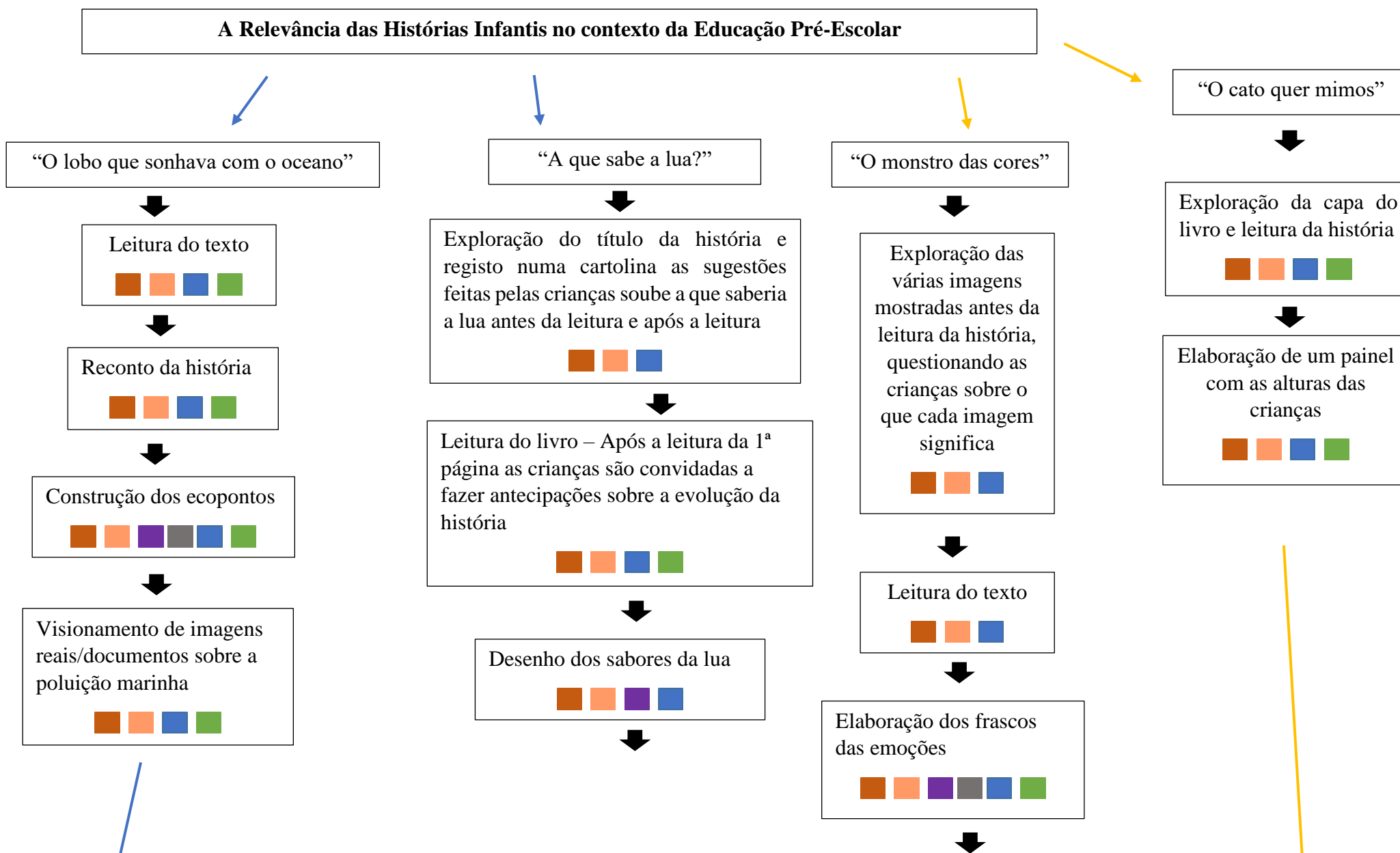
É através da Literatura para a Infância que a criança forma e modela o gosto pela leitura, sendo que a aprendizagem da leitura é uma tarefa complexa que implica progressos cognitivos e linguísticos que acontecem em vários níveis. Dito isto, a leitura enriquece o vocabulário, não só da criança, como do educador e amplia o mundo de ideias e conhecimentos.

As histórias permitem uma significativa transversalidade de conhecimentos, quero com isto dizer que, através das histórias o educador consegue proporcionar aprendizagens a vários níveis, abordando diversas áreas de conteúdo, promovendo assim aprendizagens significativas.

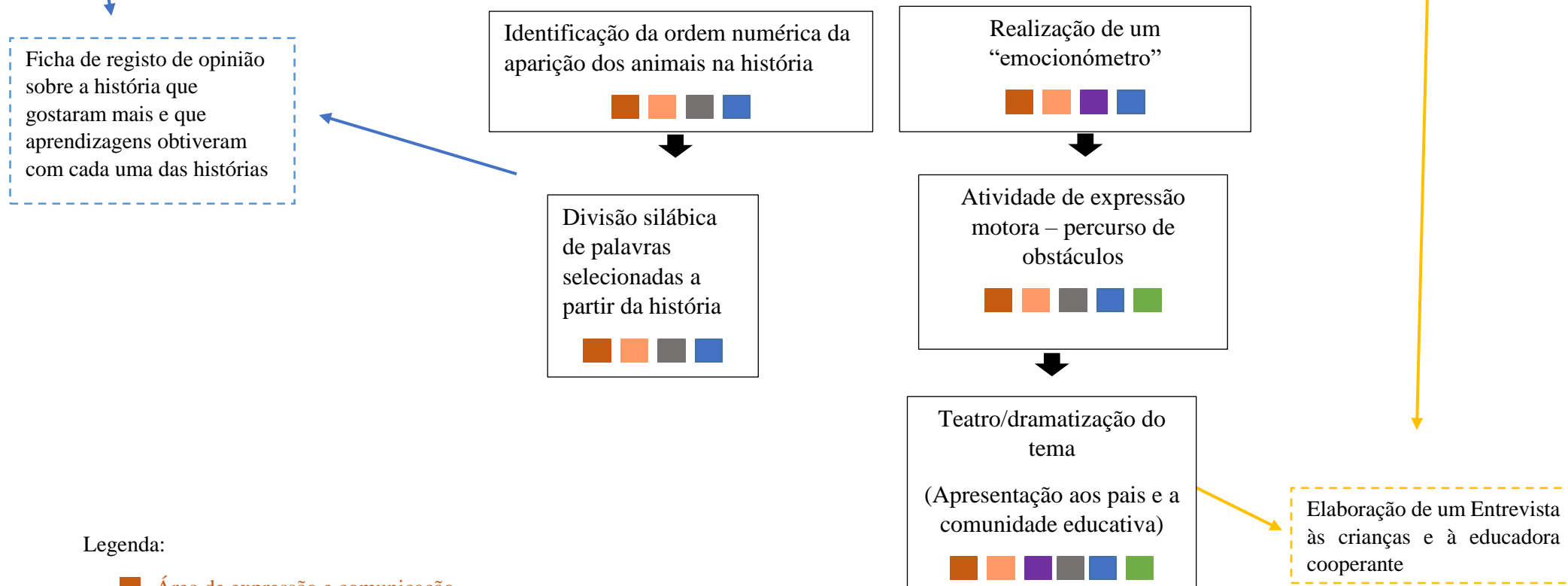
Desta forma, considero que este estudo seja pertinente, porque aborda um assunto de extrema importância, principalmente na atualidade, que é fomentar o gosto pela leitura para uma melhor aprendizagem sobre o mundo que nos rodeia.

De seguida, serão descritas as atividades que se incluem no Plano de Ação e que se realizaram com as crianças no contexto da Prática Supervisionada II e III.

As atividades apresentadas no Plano de Ação são sempre suportadas em histórias, já que esta era a temática a abordar.



A Relevância das Histórias Infantis na Educação Pré-Escolar



Legenda:

- Área de expressão e comunicação
- Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita
- Domínio das artes visuais
- Domínio da Matemática
- Área de Formação Pessoal e Social
- Área do Conhecimento do Mundo

→ - 1º Ano 2º Semestre

→ - 2º Ano 1º Semestre

2.3.1 Apresentação e Justificação do Plano de Ação

Esta temática foi selecionada após o período de observação da Prática Supervisionada e do conhecimento dos interesses do grupo de crianças.

Em relação à Prática Supervisionada II, o grupo onde a investigadora realizou a Prática de Ensino Supervisionada, mostrou uma grande curiosidade e gosto por ouvir histórias.

Por vezes, a educadora procurava iniciar uma temática, tendo como ponto de partida o título de uma história. Todavia, observei, por vezes, que a educadora não explorava a história, só usava o título para dar início ao tema que queria abordar.

Outra curiosidade que acabou por incentivar a prossecução desta temática, foi o facto de algumas crianças trazerem livros para a sala, para o momento das novidades.

Já na Prática Supervisionada III, metade do grupo manteve também a curiosidade e interesse por histórias.

Quando se deu início à Prática Supervisionada III, observou-se que a nova educadora implementou na rotina a “hora do conto”, procedimento que é pertinente, pois este grupo mostra-se bastante motivado para ouvir histórias.

Ainda assim, com a integração de mais algumas crianças, o grupo ficou agitado e conflituoso. Além de haver três a quatro crianças que apresentavam um comportamento menos disciplinado, o grupo passou a integrar duas crianças com necessidades educativas.

Posto isto, em conversa com a educadora cooperante, ficou estabelecido trabalhar com o grupo o tema das emoções, pois era um tema que a educadora cooperante tinha querido abordar com as crianças, com o objetivo de conseguir que o grupo compreendesse e controlasse as suas emoções para, futuramente, terem capacidade de conseguir resolver os seus problemas.

É crucial trabalhar as emoções, desde cedo, nas crianças, para que se tornem adultos emocionalmente mais plenos, equilibrados e felizes.

Nestas idades, as crianças aprendem muito por associação, por isso devemos encontrar estratégias para que as crianças consigam ter uma aprendizagem significativa, processo esse facilitado e promovido pela leitura didática de histórias infantis.

Na leitura de uma história é muito importante adotar uma abordagem enfática e, tanto quanto possível, cativante para que as crianças mantenham verdadeiramente a atenção, fazendo com que elas estejam sempre focadas.

Além disso, outro aspeto fundamental no que toca à leitura de histórias, é a capacidade de estimular a imaginação das crianças, o que as ajuda a desenvolver e a esclarecer as emoções, fazendo-as reconhecer as suas dificuldades, medos, inseguranças e ao mesmo tempo a enfrentá-los.

Assim, respeitando a problemática inicial e o tema abordado em sala “as emoções”, a escolha recaiu sobre duas histórias, ligadas às emoções, cujas temáticas permitiram sempre a articulação com aprendizagens em outras áreas de conteúdo.

Todas as atividades tiveram como objetivo promover o prazer pela leitura de histórias, desenvolver a capacidade de escutar, compreender e interpretar as histórias e conseguir desenvolver atividades nas várias áreas de conteúdo para fomentar diversas aprendizagens.

2.3.1.1. Calendarização/cronograma do plano de ação

Quadro 5 - Calendarização das atividades do plano de ação

Tema/Atividade	Ano letivo 2018/2019		Ano letivo 2019/2020			
	Maio	Junho	Outubro	Novembro	Dezembro	Janeiro
História – “O lobo que sonhava com o Oceano”	X					
<u>Exploração da história/ Atividades</u> (Reconto da história e Construção dos ecopontos)	X					
História – “A que sabe a lua?”	X					
<u>Exploração da história/ Atividades</u> (Identificação da ordem numérica da aparição dos animais na história e a Divisão silábica de	X					

A Relevância das Histórias Infantis na Educação Pré-Escolar

palavras selecionadas a partir da história)						
Folha de registo		X				
História – “O Monstro das Cores”			X			
<u>Exploração da história/ Atividades</u> (Separação das cores por frascos introduzindo o conceito das cores; construção de um emocionómetro e elaboração de um percurso de obstáculos)			X	X		
História – “O Cato quer mimos”					X	
<u>Exploração da história/ Atividades</u> (elaboração de um painel com as alturas das crianças)					X	X
Entrevista à educadora e às crianças						X
Teatro/ Demonstração das atividades						X

Capítulo IV

1. Apresentação e Discussão dos Resultados Obtidos

Os resultados obtidos durante a investigação, serão discutidos e analisados, conforme o que foi observado em Prática de Ensino Supervisionada II e III, através da transcrição dos registos de vídeos, produção das crianças ao longo do estágio, narrativas supervisivas e notas de campo.

As propostas de atividades realizadas pelas crianças, serão aqui apresentadas, pois facilitam a compreensão acerca do desenvolvimento da ação educativa, que se resume a metodologias/técnicas que façam as crianças desenvolverem habilidades, assim como o seu processo de aprendizagem.

Durante a investigação existiram períodos em que foram realizadas atividades baseadas em histórias infantis e que resultaram em produções das crianças.

1.1 Descrição, Análise e Síntese Reflexiva das Atividades Implementadas

1.1.1 1ª História – “O lobo que sonhava com o oceano”

Introdução: A primeira história implementada foi “O lobo que sonhava com o oceano”. Esta história foi selecionada com o intuito de ir ao encontro do tema abordado em sala “A sustentabilidade dos mares e dos oceanos”.

Tema abordado a partir da história: Reciclagem

Tipo de atividade: Atividade de expressão e comunicação – Domínio da Linguagem Oral, Subdomínio das Artes Visuais e Área de Conhecimento do Mundo.

Contextualização e reflexão da atividade: Como o tema trabalhado em sala era “A sustentabilidade dos mares e dos oceanos” a investigadora considerou pertinente apresentar um livro que transmitisse a gravidade desta situação, pela qual estamos a passar nos dias de hoje.

Deu-se início com a leitura da história “O lobo que sonhava com o oceano”. Com esta história pretendeu-se transmitir o quanto é importante “não deitarmos lixo para o chão” e começarmos a preservar o nosso meio ambiente para salvarmos os animais que lá vivem.

Antes de iniciar as atividades referentes à história, foi proposto um reconto da história com o intuito de tentar perceber se conseguiram memorizá-la. Esta foi realizada

uma semana após a leitura - como podemos verificar no Apêndice H - Nota de campo do dia 9 de Maio de 2019.

Reconto da história: “O lobo que sonhava com o oceano”

Qual acham que é o título? “O lobo que sonhava com o oceano”

1º “Ele estava a pescar e viu uma garrafa”

“Ele foi pescar”

“Ia pescar peixes e encontrou a garrafa”

2º “A garrafa tinha um mapa”

“Ele foi ao sótão e vestiu-se de pirata, a busca do tesouro”

3º “Ele é mal educado, esta em cima da mesa”

“São os amigos do lobo”

“Ele pôs-se em cima da mesa para parecer mais pirata, mais alto”

4º “Ele foi com os amigos para a praia”

“E encontrou um barco”

5º “Ele vai a caça do tesouro, dentro do barco pirata”

6º “Apareceram outros piratas e os piratas maus roubaram o mapa do tesouro ao lobo”

7º “O lobo ficou muito triste porque lhe tiraram o tesouro”

8º “Aconteceu uma tempestade”

“A onda parece que está com uma boca gigante”

“Parece um tsunami”

Aluna estagiária: Alguém sabe o que é um Tsunami?

LM: “É uma onda gigante”

9º “O lobo foi parar ao fundo do mar”

“Ele vai nadar com o golfinho”

10º “No fundo do mar ele encontrou o rei do mar”

“E ele transformou o lobo com uma cauda de sereia”

11º “Ele depois vai nadar e vê o mar cinzento e sujo”

(eles identificaram os animais do mar um a

um)

“E esse é o aquaman”

Aluna estagiária: sabem como se chama este conjunto de peixes?

“Cardume”

12º “Eles encontraram uma tartaruga numa rede de pesca”

“Estava presa e triste”

“E o lobo tenta salvá-la”

13º “Nadam até mais baixo e encontram o mar cheio de poluição”

“O lobo está assustado com o polvo e os amigos, porque podem não sobreviver com este lixo”

“Ele está assustado com a poluição que está no mar”

14º “O lobo combinou que vinha para terra dizer aos amigos para não deitarem o lixo para o mar”

“Ele já não queria o tesouro”

“Ele só queria que os humanos não poluissem o oceano, para ele ficar sempre limpo e azul”

Nota de campo 9 de Maio de 2019

Analisando a atividade acima mencionada na nota de campo, pode-se constatar que a grande maioria das crianças interveio ativamente no reconto da história, o que comprova que em termos gerais o grupo conseguiu adquirir conhecimentos, pois conseguiram memorizar as partes mais importantes da história e isto deveu-se ao facto do interesse e envolvimento que as crianças têm neste tema.

Este reconto foi organizado por etapas, a “1ª Ele estava a pescar e viu uma garrafa; 2ª A garrafa tinha um mapa, ele foi ao sótão e vestiu-se de pirata, à busca do tesouro” e assim seguidamente, até ao final da história.

De seguida, houve uma breve conversa sobre a história e um visionamento de imagens reais para que as crianças tomassem consciência do impacto que a nossa ação tem no meio ambiente, e no quanto é importante fazermos a reciclagem para preservar o nosso meio ambiente. E foi notório o choque que as crianças tiveram ao visionar as imagens.

Na nota de campo seguinte, segue-se o diálogo do dia 9 de Maio de 2019 sobre a conversa realizada com as crianças sobre as imagens que visualizaram, que levou à realização da atividade seguinte, a construção dos ecopontos (Apêndice H – Notas de campo).

Aluna estagiária: “Já viram que este animal está rodeado de lixo, acham que está contente?”
Em grupo: “Não”
MA: “A foca está triste, porque o mar está cheio de lixo”
Aluna estagiária: “Muito bem, e esta tartaruga?”
MI: “Está presa numa rede e pode morrer”
Aluna estagiária: “Muito bem, então o que acham que devemos fazer para o mar ficar com menos lixo?”
KM: “Devemos colocar o lixo no lixo”
KD: “Mas podemos fazer mais não é Débora?”
LM: “Fazendo a reciclagem”
Aluna estagiária: “Isso mesmo, e podemos começar a fazer aqui na sala, o que acham?”
Crianças: “Sim”
Aluna estagiária: “Então teremos que fazer os ecopontos para a sala, acham bem?”
Crianças: “Sim”

Nota de campo 10 de Maio de 2019

Para dar continuidade, foi proposta uma atividade de expressão plástica, onde as crianças iriam realizar os ecopontos. Esta atividade consistia na utilização das mãos para formar os ecopontos passando a mensagem de que “com as nossas mãos conseguimos mudar o mundo”.

O grupo foi dividido em três equipas (azul, amarela e verde) e à vez, a equipa na mesa redonda explorava a tinta da cor do nome da equipa (figura 9).



Figura 9 - Elaboração dos ecopontos (Digitinta)

Após as explorações feitas na tinta, com papel cenário fez-se a “impressão” do que estava na mesa para o papel e com esse material as caixas de cartão foram forradas, que formaram os três ecopontos (Figura 10).



Figura 10 - Produto final (Ecopontos)

Foi gratificante ver a felicidade das crianças a mexerem na tinta livremente, o grupo explorou de tal forma que brincavam uns com os outros com as mãos, após o trabalho terminado e já a tinta seca no papel os olhos das crianças brilhavam ao olharem para o que tinham construído e estes momentos só consegue sentir quem vivenciou.

Com esta atividade, conseguiu-se, sensibilizar as crianças a tomarem precauções para a conservação da natureza e respeito pelo ambiente através de atividades realizadas

apoiadas numa história. Os objetivos desta atividade foram plenamente alcançados pois, as crianças evidenciaram serem capazes de as aplicarem no seu quotidiano na sala, na escola e naturalmente de as transportarem para a sua comunidade, como podemos verificar no diálogo do dia.

1.1.2 2ª História – “A que sabe a lua?”

Introdução: Esta segunda atividade tem por objetivo responder aos interesses das crianças e às necessidades que o grupo apresentou. No desenrolar da atividade anterior o grupo mostrou-se interessado pelos animais no geral e como a parte linguística estava pouco desenvolvida, procurou-se fomentar e explorar a imaginação e a consciência linguística.

Tema abordado a partir da história: Exploração Linguística e imagética.

Tipo de atividade: Atividade de expressão e comunicação – Domínio da Linguagem e Abordagem à Escrita, Domínio da matemática, Subdomínio das Artes Visuais e Área de Conhecimento do Mundo.

Contextualização e reflexão da atividade: Esta História foi escolhida com base nos interesses das crianças. Ao realizar a atividade anterior, o grupo mostrou-se muito interessado nos animais, então para ir ao encontro desses interesses, selecionou-se uma história que é trabalhada com vários animais.

Deu-se início a esta temática com a leitura de uma história, mas de uma forma diferente. Comecei por interpretar o título com as crianças registando numa cartolina as sugestões do que sabia a lua, antes e após a leitura (Figura 11 e 12).



Figura 11 -Registo das sugestões das crianças, antes e após a leitura

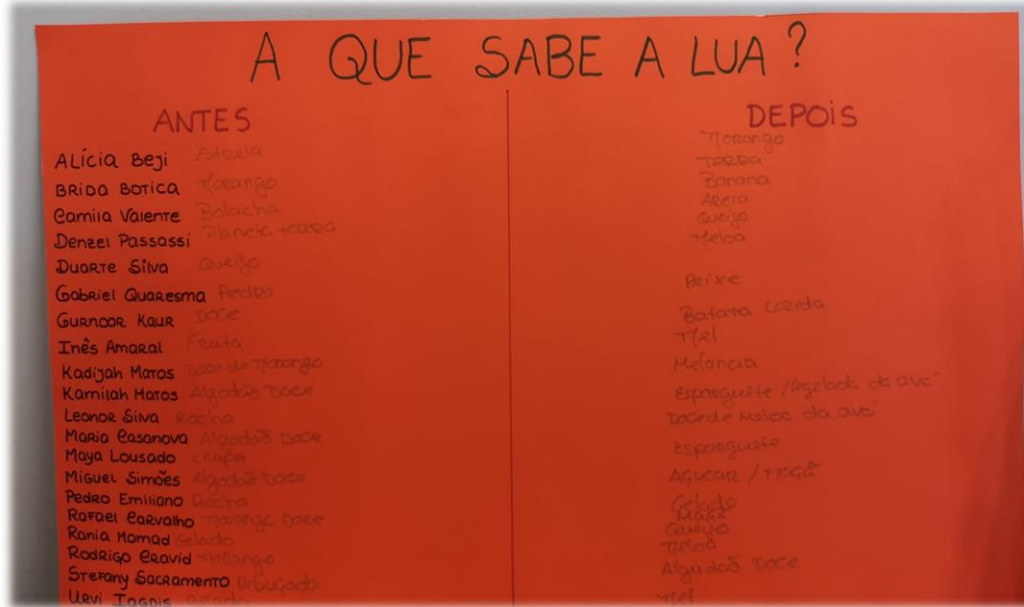


Figura 12 - Sugestões das crianças

De seguida contou-se e explorou-se a história. A leitura da história foi realizada em conjunto com as crianças tendo sido elas convidadas a fazer antecipações sobre o que poderia acontecer, pois segundo Silva et al (2016):

Na leitura de uma história, o/a educador/a pode partilhar com as crianças as suas estratégias de leitura, por exemplo, ler o título para que as crianças possam dizer o que trata a história, propor que prevejam o que vai acontecer a seguir, identificar os nomes e as atividades das personagens, apontar enquanto lê, mostrar palavras e realçar a semelhança entre elas. Estas estratégias, para além de promoverem a compreensão da funcionalidade e estrutura organizativa do texto, facilitarão também a identificação e apropriação gradual das especificidades inerentes às convenções do código escrito. (p.70).

Após a exploração da história deu-se início à atividade em que as crianças teriam que desenhar a que para elas sabia a lua, como podemos verificar nas figuras 13 e 14.



Figura 13 - Criança a desenhar



Figura 14 - Produções finais das crianças

Foi realizada uma breve síntese em conjunto com as crianças para poder dar início à atividade “Jogo da ordem” que constituía a ordem dos animais. Com isto abordou-se o domínio da matemática, trabalhando os números ordinais (1º, 2º, 3º lugar...). Com imagens da história dos animais as crianças vinham à vez ao quadro (cavalete) colocar os animais por ordem (que entravam na história) e escrever o lugar que se encontravam Figura 15 e 16.



Figura 15 - Identificação da ordem numérica da aparição dos animais na história



Figura 16 - Criança a escrever o número ordinal onde se encontra o animal

O reconto da história desenvolvido através da sequência/ordenamento da aparição dos animais de acordo com a história, foi uma boa estratégia de aprendizagem para as

crianças, pois foi notória a rápida assimilação da história e da sua moral por parte das crianças, feita através da reconstrução de imagens.

Observou-se que o grupo estava bastante envolvido nesta atividade e que a concretizou muito bem.

Este dado é possível verificar através de uma das respostas dadas pela Educadora na análise efetuada na Narrativa Supervisiva de 31 de Maio de 2019 (Apêndice I).

“(…) A Débora explorou a Numeração Ordinária. Ela começou por ordenar os animais, com a colaboração das crianças, respeitando a sequência do seu surgimento na história. Cada animal foi afixado num quadro por uma criança diferente que, em seguida, desenhava o algarismo com o símbolo da ordem correspondente. Ela teve o cuidado de ir fazendo o paralelismo entre os números cardinais (quantidade) e os correspondentes ordinais (ordenação). Surpreendentemente, de um modo geral, todas sabiam corretamente a sequência do surgimento dos animais na história, o que revela o seu interesse. Ao solicitar o apoio individual das crianças, a Débora reforçou o seu envolvimento na atividade e, conseqüentemente, o favorecimento de aprendizagens com significado. Parece-me que esta abordagem (imagem com “um sentido” + numeração ordinária + envolvimento concreto da criança), favorecem a compreensão do conceito.”

Nota de campo 31 de Maio de 2019

Após terminada a primeira parte, foi dado início à atividade da divisão silábica em que o grupo tinha que dividir os nomes dos animais batendo palmas, e ao som das palmas faziam a divisão das palavras.

Esta atividade, que proporcionou ao grupo trabalharem em conjunto a divisão silábica dos nomes dos animais com recurso ao ritmo e ao som, foi também muito enriquecedora (Figura 17), não só pela abordagem que a investigadora utilizou mas também por ter desencadeado nas crianças novos interesses e motivações de aprendizagem, pois através desta atividade as crianças acabaram por sugerir à investigadora a realização da mesma estratégia da divisão silábica, mas desta vez, com os seus próprios nomes (Figura 18).



Figura 17 - Crianças a realizar a divisão silábica dos nomes dos animais

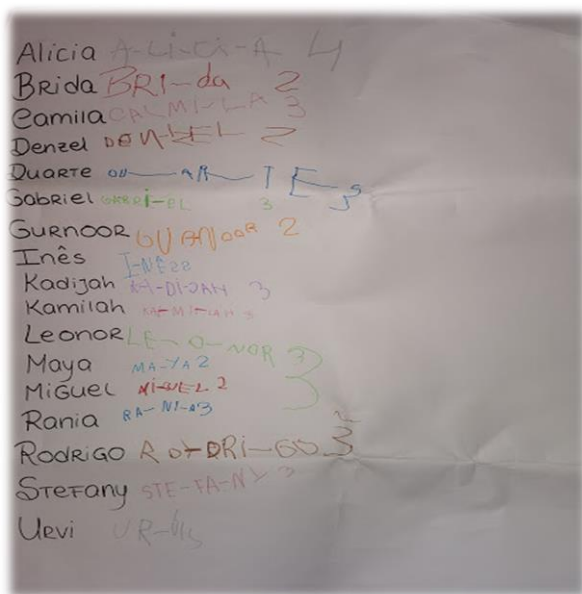


Figura 18 – Divisão silábica dos nomes das crianças

Com este momento, a investigadora percebeu que o envolvimento do grupo foi bastante elevado, pois todas as crianças mostraram interesse pela atividade, participando com entusiasmo.

Acima de tudo, a investigadora conseguiu proporcionar às crianças aprendizagens novas e estimulantes e o grupo, em geral, mostrou-se bastante participativo e interessado e principalmente, divertiram-se a aprender.

Foi bastante compensador perceber que as crianças adquiriram o objetivo pretendido, que era fomentar a parte linguística de cada criança e trabalhar alguns conceitos matemáticos, a partir da história lida.

Foi uma atividade onde existiu facilidade em cativar o interesse das crianças, estavam entusiasmadas e ainda hoje se observa as crianças a bater palmas para dividirem os nomes dos amigos das outras salas.

Conclusão:

Para corroborar os conhecimentos adquiridos ao longo de PES II foi realizada uma ficha de registo e uma de opinião com as crianças (Apêndice A e B).

A primeira ficha foi realizada com o grupo, para uma apreciação global da criança sobre as duas histórias, onde tinham a oportunidade de registar o desenho da história que mais gostaram. Verificou-se que a maioria dividiu a folha de papel ao meio, pois gostaram de explorar as duas histórias, como podemos verificar na seguinte figura:

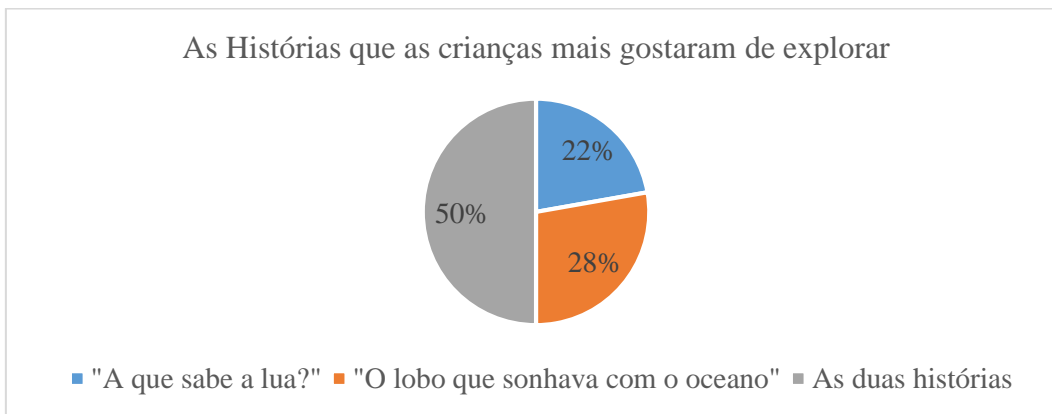


Figura 19 - Conclusão dos dados obtidos do desenho da história que mais gostaram de explorar

Na ficha de registo que continha o título da história e uma pergunta: “o que aprendeste com esta história?”. Esta já foi realizada às quatro crianças selecionadas. Após a análise desta recolha de dados, é possível afirmar que os objetivos das atividades foram plenamente alcançados, pois as crianças compreenderam os conceitos explorados através da história (Apêndice C), como é visível no quadro seis, relativamente à história “ O lobo que sonhava com o oceano”:

Quadro 6 - Respostas das crianças à ficha de registo da história “ O lobo que sonhava com o oceano ”

Crianças	Respostas
A (três anos)	Reciclar, ecopontos com as mãos
C (quatro anos)	Aprendi a separar o lixo. Desenhei na mesa com as mãos com tinta. Fizemos ecopontos para reciclar.
K (cinco anos)	Não gostei de uma parte, tinha muito lixo. O lobo transformou-se numa cauda de sereia para nadar e respirar no mar. Fizemos os ecopontos com as mãos cheias de tinta, adorei.
M (seis anos)	Ao reciclarmos, conseguíamos ajudar os animais do mar e fizemos ecopontos, tu

	puseste tinta na mesa para nós com as mãos fazermos desenhos, foi divertido
--	---

E também, se reverificam os conceitos adquiridos pelas afirmações dadas pelas crianças na ficha de registo realizada, relativamente à história “A que sabe a lua?”, demonstrado no quadro sete:

Quadro 7 - Respostas das crianças à ficha de registo da história “A que sabe a lua?”

Crianças	Respostas
A (três anos)	A história tinha animais e a lua sabia a morango. Batemos palmas.
C (quatro anos)	Aprendi banana. Bater palmas aos nossos nomes e contar.
K (cinco anos)	Desenhei a melancia, é o que eu gosto, escrevi o número 1, primeiro lugar não é? Bati palmas a dividir o meu nome e contei quantas bati.
M (seis anos)	Que nós podíamos saborear vários sabores, podíamos puxar pela nossa imaginação. Aprendi a dividir os nomes e quantas sílabas tinham com palmas.

Com estas inferências é possível afirmar que as crianças compreenderam os conceitos explorados nas duas histórias.

Para o início desta presente investigação, com os registos realizados às crianças no final da prática pedagógica, a investigadora percebeu que foi relevante, o facto de as atividades terem sido desenvolvidas em grande grupo, permitindo assim que todos possam aprender uns com os outros. O uso de “imagens com sentido” retiradas de uma história, tornando-as apelativas para o grupo, em especial, o envolvimento que uma criança em particular teve nas atividades, foi igualmente importante como estratégia para cativar a atenção da mesma, pois é uma criança com um atraso global no desenvolvimento.

O reforço da autoestima e da dinamização das atividades nas várias áreas de conteúdo, foram muito importantes para promover interesse e o desenvolvimento da aprendizagem no grupo, estas foram, como demonstrado, estratégias promotoras de aprendizagens com significado.

1.1.3 3ª História – “O Monstro das cores”

Introdução: Segundo Furtado (2013) “É demais reconhecido o interesse e a pertinência do estudo das emoções, atendendo ao papel que assumem na vida do ser humano, enquanto ser biológico e social.” (p.5).

As emoções desempenham uma função importante no dia a dia das crianças, na sua função como agente social e comunicativo como nas relações com o outro. Em conversa com a educadora, percebeu-se que o grupo não controlava as suas emoções, ou seja, tinham grandes dificuldades em gerir os seus problemas, após este momento de reflexão, achou-se pertinente abordar este tema.

Tema: As emoções.

Tipo de atividade: Atividade de expressão e comunicação – Domínio da Educação Física, Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, Domínio da Matemática, Subdomínio das Artes Visuais e Área de Conhecimento do Mundo.

Descrição e reflexão das atividades: A atividade da leitura da história “O Monstro das Cores”, a investigadora iniciou com as crianças reunidas na área de grande grupo com vários monstros, feitos em musgami, como podemos verificar na Figura 20.



Figura 20 - Monstros das Cores

Em conversa com as crianças a investigadora questiona, como podemos verificar na nota de campo do dia 14 de Outubro: “sabem o que significa o que está no tapete?”; “E vocês o que estão a sentir neste momento?”. Segue um pequeno excerto do diálogo realizado com as crianças antes da leitura do livro (Apêndice J).

Por fim é contada a história “O Monstro das Cores” com o apoio de um livro pop-up.

Para dar seguimento à leitura da história, em conversa com o grupo, foi decidido por todos que deveríamos organizar as cores nos seus respetivos frascos.

Assim distribuíram-se a crianças pelas várias áreas existentes em sala e serão chamadas duas a duas à área da expressão plástica para realizar a atividade dos frascos

A.Z: [Apontou para o monstro preto (medo)]

Aluna estagiária: “Porque te sentes assim?”

A.Z: O meu irmão por vezes bate-me e eu sinto medo dele

Aluna Estagiária: Mas não tens que sentir medo, já contaste à tua mãe?

A.Z: Não [com uma cara triste]

Aluna Estagiária: Então tens que falar com a mãe a dizer que o mano magoa-te com muita força e tu não gostas, ficamos combinados?

A.Z: Sim [deu um abraço à aluna estagiária]

Aluna Estagiária: E tu R como te sentes?

R: Assim [apontando para o monstro da cor vermelha]

Aluna estagiária: Porquê?

R: [a fazer uma expressão de zangado, manteve-se em silêncio]

Aluna Estagiária: Vamos ultrapassar isso juntos ok? Vamos por uma cara feliz como o monstro amarelo

Notas de campo 14 de Outubro de 2019

das emoções.

Seguidamente são distribuídas folhas com seis frascos desenhados a cada criança e são espalhadas diversas folhas de papel crepe das cores correspondentes às emoções para fazerem bolas e colocarem as bolas da cor similar à emoção atribuída ao frasco, juntamente com canetas de feltro e lápis de cor, para que possam pintar a tampa do frasco e escrever o nome de cada emoção correspondente (Figura 21 e 22).



Figura 21 - Elaboração da atividade dos frascos das emoções



Figura 22 - Frascos das emoções (Produções finais das crianças)

Ao longo desta atividade houve a oportunidade de conversar com as crianças com intuito de perceber se conseguiram associar a cor à emoção.

Esta foi uma atividade que levou algum tempo a realizar, foi preciso bastante empenho, não só pela investigadora, mas também pelas crianças. Houve algumas dificuldades, durante a atividade, como foi o caso de duas crianças, em particular.

Uma delas sabia nomear por associação e sabia identificar, como podemos verificar na nota de campo do dia 22 de outubro de 2019 (Apêndice J).

Aluna Estagiária: “R sabes dizer-me que cor é esta? (mostrando um lápis azul)”

R: “É a cor do céu”

Aluna Estagiária: “Mas o nome dessa cor sabes?”

R: (encolheu os ombros)

Aluna Estagiária: “E esta (lápis vermelho)?”

R: “Cor do zangado”

Aluna Estagiária: Qual é o lápis vermelho (mostrando um lápis azul e outro vermelho)

R: Aquele (apontando para o lápis vermelho, mas demorou algum tempo a apontar)

Nota de campo do dia 22 de Outubro de 2019

A outra criança não sabia nomear e tinha dificuldades em identificar, daí ter sido necessário um grande acompanhamento por parte da investigadora, pois só assim iria conseguir criar aprendizagens mais significativas. Destaca-se na nota de campo do dia 22 de Outubro de 2018 (Apêndice J) um excerto do diálogo mantido com a criança.

Aluna Estagiária: “G sabes dizer-me que cor é esta (mostrando o lápis vermelho) ”

G: “Rosa”

Aluna Estagiária: “E esta (lápis azul)?”

G: “Não (acenando com a cabeça) ”

Aluna Estagiária: Esta eu sei que sabes, é a cor do teu clube (mostrando o lápis verde)

G: Verde

Aluna estagiária: Olha podes ir buscar-me na caixa dos legos uma peça com a mesma cor que esta (amarela)

G: Sim (trouxe uma peça amarela)

Aluna estagiária: E agora uma desta cor (mostrando a cor azul)

G: (trouxe uma peça roxa)

Aluna Estagiária: Então vá G, nós vamos conseguir.

Nota de campo do dia 22 de Outubro de 2019

Com isto, considera-se que foi uma atividade que ajudou bastante a aumentar o vocabulário de algumas crianças, como saber nomear e identificar as cores, aprender o nome de cada emoção. Como conseguimos verificar no Apêndice J, a criança aprende mais rápido por associação.

Em sala, o ambiente era agitado, e a investigadora pôde observar que a educadora cooperante começou a fazer uma reflexão com o grupo do seu comportamento, e que as crianças associavam o seu comportamento ao nome dos monstros. Após a investigadora constatar que esta reflexão era realizada na rotina das crianças, em colaboração com a educadora cooperante, foi decidido realizar um emocionómetro para uma melhor organização dessa reflexão.

Primeiramente divide-se o grupo pelas várias áreas e são chamadas duas a três crianças para a área de expressão plástica. De seguida distribui-se uma mola por cada criança e dispõem-se tintas, pinceis e brilhantes de modo a que cada uma decore a sua mola com uma cor à sua escolha (Figura 23).



Figura 23 - Elaboração das molas

Posteriormente, quando as molas já estiverem secas, foi distribuído massa de moldar em rolinhos para que cada criança moldasse a massa com a forma da inicial do seu nome, antes de começar a moldar, havia uma caixa com várias letras em cima da mesa em que cada criança teriam que identificar a letra da sua inicial.

Por fim, estando tudo pronto, os monstros que utilizámos para dar início à leitura da história, foram colocados num cartão.

Esta atividade foi inserida na rotina das crianças como forma de reflexão do comportamento do grupo (Figura 24).

Este emocionómetro é um importante elemento de avaliação que, quando aplicado na rotina da sala de atividades, permite às crianças a possibilidade de se exprimirem emocionalmente, revelando o seu estado de espírito diariamente, refletindo sobre os acontecimentos do dia e a influência que tiveram na sua vida.



Figura 24 – Emocionómetro

No seguimento do que a investigadora trabalhou com as crianças sobre as emoções, foi preparado um jogo para perceber se, depois de tudo o que se tem vindo a trabalhar sobre o tema desenvolvido, este teria sido compreendido pelas crianças.

Sendo as crianças aprendizes ativos, necessitam de uma variedade de materiais versáteis, que apoiem a sua abordagem às diversas oportunidades de aprendizagens, tal como um ginásio, que dê a possibilidade de explorar diversos materiais e praticar exercício físico a “brincar”.

Esta atividade iniciou-se com uma pequena conversa sobre a importância da atividade física nos dias de hoje. Não basta termos só uma alimentação saudável, também é necessário que pratiquemos exercício, mas para termos uma aprendizagem eficaz, o mais importante é divertirmo-nos.

De seguida apresenta-se um pequeno excerto da conversa realizada com as crianças (Apêndice J).

Aluna Estagiária: “Vocês sabem qual é a importância do exercício físico?”
Z: “É para não ficarmos gordos”
S.R: “Mesmo que nós comemos muito temos que fazer exercício”
Aluna Estagiária: “Muito bem meninos, não basta termos só uma alimentação saudável, também temos que praticar muito exercício.
Praticar exercício não faz só bem ao nosso corpo, faz também bem à nossa cabecinha, libertamos maus pensamentos e exercitamos o nosso cérebro, e mais, também nos ajuda a aprender reflexos e movimentos para nós conseguirmos usar no nosso dia a dia.”
Nota de campo 25 de Novembro de 2019

Após esta breve conversa, explicou-se no que consiste o jogo e qual o seu objetivo. De seguida as crianças foram divididas por duas equipas (a amarela/feliz e a verde/calma). Esta divisão foi realizada retirando um papel dentro de um saco (Figura 25).

As crianças são distribuídas em dois grupos e vão realizar a atividade em simultâneo.



Figura 25 - Distribuição das equipas

Realizou-se a atividade no ginásio e consistiu num percurso de expressão motora em busca das cores, que teve como objetivo, colocar cada bola no respetivo arco. As bolas têm as cores correspondentes às dos monstros das cores para serem colocadas nos arcos com a cor correspondente após realizarem o percurso.

No percurso, primeiramente tinham que pular a pés juntos dentro dos arcos (Figura 26) de seguida, tinham que andar em cima de um banco corrido, depois contornar os pinos (Figura 27) e por último fazer uma pequena corrida até aos arcos e colocar a bola correspondente à cor do arco (Figura 28).



Figura 26 - Criança a realizar a 1ª parte do percurso



Figura 27 - Criança a realizar a 2ª e 3ª parte do percurso



Figura 28 - Criança a realizar o final do percurso

Assim, com esta atividade pretendeu-se que as crianças pensassem e refletissem sobre os conhecimentos e aprendizagens, nomeadamente sobre as emoções, que foram trabalhadas. Importa referir que foi uma atividade que permitiu trabalhar vários domínios, como o domínio da matemática, o domínio da educação física e o domínio da linguagem oral e abordagem à escrita, que surgiram e foram abordados ao longo da exploração da história “O Monstro das cores”.

Foi uma atividade bastante rica em aprendizagens, e isso é sem dúvida o mais importante. As crianças criaram aprendizagens enriquecedoras e ao mesmo tempo brincaram e divertiram-se a aprender, pois só assim, as aprendizagens são significativas.

1.1.4 4ª História – “O Cato quer mimos”

Introdução: Esta história foi escolhida com o objetivo de tentar passar a mensagem que não somos todos iguais e todos temos direito a receber mimos. Tal como uma menina do grupo com Necessidades Educativas (NE), que nas diferenças merece todos os afetos.

Tema: Afetos.

Tipo de atividade: Atividade de expressão e comunicação – Domínio da Linguagem Oral, Subdomínio das Artes Visuais; Domínio da Matemática, Área de Conhecimento do Mundo e a Área de Formação Pessoal e Social.

Descrição e reflexão da atividade: A atividade deu início com a exploração da capa. A capa deste livro tem os picos do cato em forma de relevo, foi permitido que o grupo sentisse esse relevo e de seguida iniciou-se leitura da história. Após essa leitura falámos um pouco sobre ela, em como todos os meninos, sendo um pouco diferentes ou não, têm

direito a ter “um monstrinho cor de rosa”, ou seja, a terem amor. Estas palavras foram ditas por uma criança enquanto conversávamos sobre a história.

De seguida apresento um excerto da conversa com as crianças (Apêndice H – Notas de campo).

CP: “É pequenina também quer sentir o monstrinho cor de rosa”

Z: “Ela às vezes morde mas é bebé”

Notas de campo 2 de Dezembro de 2019

Após este momento de leitura houve algo que despertou o interesse do grupo: os 12 metros que o gato tinha. Como S disse no Apêndice K – Nota de campo do dia 2 de Dezembro: “O Gato era muito grande”.

Aluna Estagiária: “ Lembram-se de alguma coisa que o gato tinha?”

SR: “o gato era muito grande

SM: “ Sim, o gato era grande e forte”

Aluna Estagiária: “ Então e lembram-se qual era a altura do gato?”

Z: “ 12 Metros”

Aluna Estagiária: “ E sabem o que isso significa? Acho que já sei como vos mostrar o que são 12 metros, vou buscar uma fita métrica de 1 metro e vamos pensar que cada criança mede um metro, sabem de quantas crianças precisamos para chegarmos ao número 12?”

Z:“12 crianças Débora”

Aluna Estagiária:“ Boa Z, então vamos lá começar a juntar as crianças pela sala”

Notas de campo 2 de Dezembro de 2019

Para que as crianças tivessem uma pequena perceção de que altura era o gato, considerou-se reunir 12 crianças pela sala. Foi um momento de muito espanto por parte das crianças quando observaram que tiveram de dar a volta à mesa, como podemos verificar na Figura 29. Ao mesmo tempo divertiram-se a realizar esta atividade.



Figura 29 - Exploração da história "O gato quer mimos"

Entre muitas gargalhadas houve uma criança que me questionou “ e que altura eu tenho Débora?”, como podemos verificar no Apêndice K – Nota de campo do dia 2 de Dezembro.

KM: “E que altura eu tenho Débora?”

KD: “E eu sou do mesmo tamanho que a minha irmã”

DP: “Eu acho que sou maior que o Z”

Aluna Estagiária: “Então e quantos metros acham que eu tenho? Vamos descobrir?”

Notas de campo 2 de Dezembro de 2019

Após algumas perguntas que posteriormente vieram, em conjunto, decidiu-se elaborar um mapa das alturas das crianças da sala.

A atividade teve início na medição das alturas das crianças, foi colocado uma fita métrica na porta e à vez a criança foi medida. Uma criança media a outra criança, sempre com a ajuda do adulto.

No desenvolvimento da atividade recorreu-se a blocos (legos) para eles terem a perceção do tamanho que tinham na realidade, como podemos verificar na figura 30, uma criança a ser medida com blocos.



Figura 30 - Criança a ser medida com blocos (legos)

Após as medições estarem feitas, cada um teve que pintar a sua fita métrica até ao número correspondente à sua altura (Figura 31).



Figura 31 - Criança a pintar a sua fita métrica

De seguida, com todas as fitas métricas pintadas, em grande grupo, a investigadora em conjunto com as crianças, colou as fitas em papel cenário, por ordem alfabética. Era de mais fácil leitura para as crianças, pois têm como referência o mapa das presenças.

As fitas métricas ficaram identificadas com as fotografias de cada um (Figura 32).

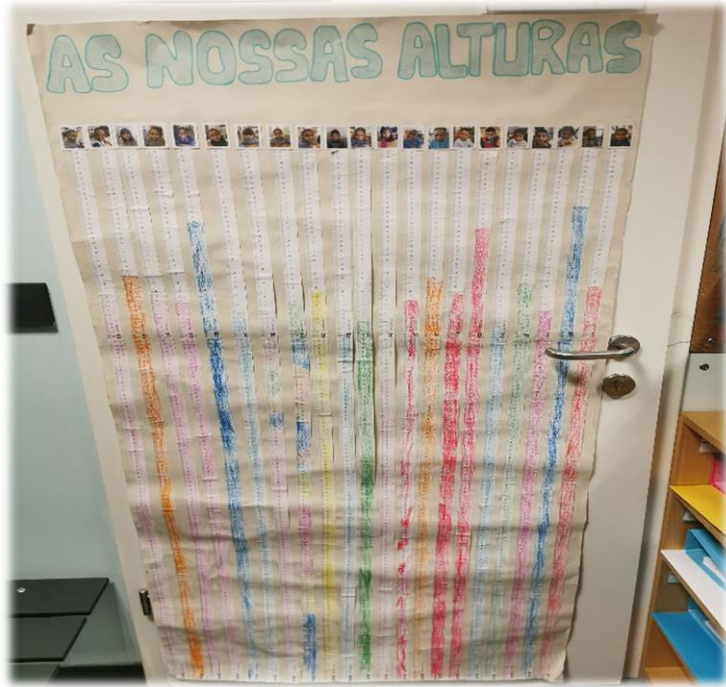


Figura 32 - Painel das Alturas

Conclusão:

Após a reflexão e análise às entrevistas realizadas às crianças no final de PES III, foi possível compreender que estas gostam que lhes contem histórias. Dado que nesta fase a criança tem uma enorme capacidade de integração e imaginação, as histórias vão surgir como um estímulo à sua criatividade e desenvolvimento de capacidades nas áreas de conteúdo.

Foi também possível verificar, tendo por base o diagnóstico das entrevistas e da observação, concluiu-se que as crianças, na sua maioria, mostram-se em geral bastante despertas para contar, ouvir e imaginar histórias, e que compreenderam os conceitos explorados no tema das emoções. (Apêndice G)

Como podemos verificar na entrevista, quando a criança Z diz que por vezes fica com “as cores todas juntas, muito baralhado, temos que o ajudar, mandar as outras emoções embora e ficar só com as boas, como a calma”.

É importante referir que a maioria das crianças têm irmãos, primos, amigos e partilham o recreio no Prolongamento de Horário com crianças mais velhas, o que leva a que desenvolvam laços de amizade e comecem a demonstrar também um desejo crescente de aprender a ler, escrever e fazer contas, para se igualarem aos seus novos modelos.

Além disso, as crianças ao criarem laços, também partilham e vivenciam sentimentos, e é importante que elas os saibam distinguir para que consigam encontrar soluções para o seu dia a dia, para que conheçam e expandam o mundo que as rodeia.

São crianças que demonstram curiosidade pelas coisas que estão à sua volta, procurando saber sempre mais, envolvendo-se com entusiasmo no desenvolvimento de projetos/atividades.

É possível concluir que todo o trabalho desenvolvido ao longo de PES III teve um impacto significativo nas crianças, pois ao analisarmos as respostas nas entrevistas (Apêndice G) verifica-se, na sua grande maioria, que o grupo com idades compreendidas entre os três e os seis anos adquiriram aprendizagens significativas, e podemos verificar, esses momentos, ao longo da prática pedagógica e de tudo o que já foi referido nesta presente investigação, que o grupo integrou na sua vida e na relação deles com os outros aquilo que foi explorado nas duas histórias, como podemos ver a criança K na entrevista diz que com os monstros “vimos se nos portamos bem” e que quando “ estamos zangados temos que mandar embora e vestir o fato da calma” (Apêndice G). Ao analisarmos estas inferências, percebemos que o objetivo foi cumprido.

Neste contexto, apesar dos interesses das crianças estarem direcionados para área de expressão e comunicação, tendo como tema as emoções, pretendeu-se incluir todas as outras áreas de conteúdo.

1.1.5 – Teatro/Dramatização do tema (Apresentação aos pais e à comunidade educativa)

De forma a culminar as aprendizagens ao longo do tempo de investigação, considerámos que era importante mostrarmos e explicarmos aos pais o que foi feito com as crianças até hoje, então decidimos realizar um teatro, uma pequena demonstração dos nossos projetos.

Este teatro consistiu numa história que abordava o tema da higiene oral e das emoções, e baseava-se num menino que detestava a escova de dentes, mas que acaba por perceber, que pode fazer o que quiser com ela. Durante esta aventura o menino vivenciou várias emoções.

Todo este trabalho teve um empenho fundamental por parte das crianças, foi uma atividade que esteve sempre em reconstrução. Começámos por lhes mostrar um esboço do que se iria fazer no teatro e em conversa com as crianças fomos construindo a história, dividimos as personagens e escolhemos os objetos que iriam formar o cenário. Toda esta

preparação foi realizada pelas crianças, o que fez com que o grupo tivesse um maior envolvimento.

Foi pedida a colaboração dos pais para a escolha da hora da apresentação e para a roupa das personagens. Todas as crianças tinham que trazer calças de ganga, o que variava era a cor da camisola, esta era consoante a sua personagem: o menino teria que trazer a roupa que usa no dia a dia; as duas crianças que pertenciam à emoção do amor teriam que trazer uma camisola cor de rosa; as outras duas crianças que pertenciam à emoção da raiva teriam que trazer uma camisola vermelha; as que pertenciam à emoção da calma, era uma camisola verde; à emoção da alegria camisola amarela; à emoção da tristeza camisola azul clara; e à emoção do medo uma camisola preta; as crianças que faziam de escova de dentes teriam que trazer camisola azul escura; a fada dos dentes uma saia tule, umas asas e uma varinha; os rebuçados uma camisola com a cor correspondente do sabor do rebuçado; a mãe um vestido; e a consciência roupa branca, tanto as calças como a camisola.

Foram realizados vários ensaios, da peça e das rimas que teriam de dizer como forma de se apresentarem. Durante os ensaios, estivemos sempre em reconstrução, as crianças iam dando sugestões, não só nos ajudaram na construção do guião, como nos ajudaram na elaboração do cenário, foram as crianças que decidiram que objetos e o sítio que eles iriam estar. Inicialmente pensámos em usar metade do átrio para a construção do cenário, mas a educadora sugeriu que era melhor reduzirmos o tamanho do cenário, pois as crianças iriam se dispersar, e viemos a constatar que a educadora teria razão e por isso reduzimos o espaço do cenário.

E chegou o grande dia, o dia que a investigadora dava por terminado o estágio, o dia que se iria realizar uma atividade perante a presença dos pais, o dia das grandes emoções, dos nervos, da correria, da apresentação aos pais, de tudo em simultâneo.

No dia de apresentação do teatro às famílias a primeira coisa a se fazer foi preparar o átrio da escola com o objetivo de dar a conhecer aos pais todo o trabalho desenvolvido com o grupo.

No cenário foram colocados os trabalhos realizados por eles na parede para que os pais possam observar as produções das crianças realizadas ao longo do período de estágio.

Também se expôs as fotografias dos momentos das atividades e ainda teve disponível para as famílias e corpo docente um caderno, para que pudessem deixar uma

mensagem/feedback do que observaram, não só neste momento de apresentação, mas ao longo da Prática de Ensino Supervisionada.

Na hora escolhida, foram abertas as portas aos Encarregados de Educação e família, e fizemos uma apresentação do nosso projeto, após termos explicado no que consistia o projeto de cada uma, deu-se início ao teatro, como é possível verificar na figura 33.



Figura 33 - Apresentação aos pais

Quando o teatro terminou as crianças mostraram-se muito agradecidas distribuindo abraços. Houve a oportunidade de agradecer a toda a equipa docente que participou neste projeto e que foi um apoio, aos pais por terem participado na realização do teatro e às crianças por terem feito o melhor trabalho: serem felizes.

Acabou da melhor forma, as crianças estavam radiantes, tiveram um comportamento excelente. Os pais mostraram a sua satisfação, através das palmas que bateram e dos elogios que fizeram pessoalmente e no caderno (Anexo A).

É importante que haja esta relação na medida em que a família é quem conhece melhor a criança e juntamente com a instituição são dois dos contextos sociais que mais contribuem para a educação da criança, logo, é essencial que haja uma relação entre a instituição e a família

De seguida, demonstrámos novamente o nosso teatro ao JI e aos 1ºs e 2ºs anos, e correu de igual forma (Figura 34).



Figura 34 - Apresentação do teatro ao JI, 1ºs e 2ºs anos

Portanto, todo este trabalho feito em conjunto desde o início até ao fim foi reestruturado todos os dias em que o ensaio foi realizado.

É possível afirmar que a apresentação do teatro foi fantástica. O maior motivo deveu-se ao facto das crianças terem estado envolvidas na construção desta atividade, onde tiveram uma participação ativa e onde o adulto apenas necessitou de apoiar. Esta atividade foi muito gratificante, apesar de cansativa, e foi o culminar de um trabalho enriquecedor realizado ao longo da Prática.

Foi um trabalho de conclusão que deu para compreender o que as crianças aprenderam ao longo da Prática de Ensino Supervisionada III.

Capítulo V

1. Conclusões da Dimensão Investigativa

Esta investigação iniciou-se com a seguinte problemática: “De que forma é que as histórias potenciam aprendizagens num grupo de crianças de Educação Pré-Escolar?”. Para responder a esta questão traçaram-se os seguintes objetivos: analisar as aprendizagens das crianças a partir de histórias e identificar as estratégias usadas nas histórias infantis (relacionar as estratégias usadas com as aprendizagens das crianças).

O trabalho iniciou-se com o enquadramento teórico que aborda o tema das histórias infantis em vários aspetos, como a leitura e importância das histórias no Pré-Escolar, as histórias como instrumento pedagógico e por último as emoções na Educação Pré-Escolar, para conseguir dar resposta à questão de investigação.

Esta questão de investigação foi respondida ao longo da análise e discussão de dados onde se descreveram as atividades realizadas na implementação do plano de ação, se justificou com as notas de campo, algumas delas, baseadas nas narrativas supervisivas dialogadas e na entrevista à educadora cooperante e às crianças.

Para dar resposta à questão investigativa foram analisados diversos instrumentos de recolha de dados, em que a investigadora pôde observar os comportamentos das crianças face aos objetivos das atividades.

Desta forma, respondendo à questão de investigação, importa apontar as aprendizagens que se promoveram e quais as estratégias utilizadas para tal.

No primeiro tema abordado, relativamente à história “O lobo que sonhava com o oceano”, foi notório a sensibilidade do grupo à importância da reciclagem e dos problemas ambientais, uma vez que no início da investigação as crianças não tinham consciência ecológica. No final da investigação o grupo passou a ter comportamentos positivos em relação à reciclagem, como por exemplo a utilização correta dos ecopontos construídos em sala e a partilha dessa tomada de consciência com as suas famílias.

Na exploração desta história foi possível abordar as áreas de conteúdo de forma a construir aprendizagens significativas, nomeadamente a Área do Conhecimento do Mundo no que diz respeito à preservação do ambiente e recursos naturais; a Área de Formação Pessoal e Social, onde as crianças, ao refletirem sobre o seu papel na reciclagem, passam a reconhecer a necessidade de preservação do seu património natural e cultural; e ainda, a Área de Expressão e Comunicação, mais concretamente no Domínio

das Artes Visuais, pois tiveram oportunidade de desenvolver capacidades expressivas e criativas através de experimentações plásticas.

No segundo tema abordado, referente à história “A que sabe a lua?” foi possível verificar a sensibilidade e conhecimento das partes constituintes das palavras por parte das crianças, ou seja, o grupo passou a ter consciência dos elementos que constituem as palavras utilizando a estratégia dos sons das palmas para a compreensão da divisão silábica. Por conseguinte, foram trabalhadas várias áreas de conteúdo, dando ênfase à Área de Expressão e Comunicação, com trabalho maioritariamente focado no domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, uma vez que esta oportunidade de tomada de consciência linguística permitiu tomar consciência gradual sobre diferentes segmentos orais que constituem as palavras, ou seja, desenvolver a consciência fonológica.

Por último, temos o tema das emoções trabalhado através da história “O monstro das cores”, onde foram utilizados monstros que ajudaram as crianças a identificar e a nomear as emoções. Foi possível observar um desenvolvimento das aprendizagens significativas que ocorreram no grupo de crianças, através do reconhecimento das emoções e posteriormente o controlo delas e a compreensão dos outros.

Ao longo da exploração da história “O monstro das cores”, foram diversas as estratégias utilizadas, e foram abordadas duas áreas de conteúdo: a Área de Expressão e Comunicação onde as crianças tiveram a oportunidade de exprimir os seus pensamentos e emoções de forma própria e criativa, recorrendo ao domínio das Artes Visuais na decoração das molas e na elaboração das bolas para colocação dentro dos frascos, e ainda no domínio da linguagem oral e abordagem à escrita, na identificação de cada frasco com o código escrito correspondente; também não foi descurada a Área de Formação Pessoal e Social pois permitiu-se que as crianças conhecessem características pessoais e a sua identidade social e cultural, situando-as em relação às de outros.

Assim, com estas histórias exploradas e as respostas que foram identificadas ao longo de toda a prática, a investigadora conseguiu, pela progressão dos conhecimentos que as crianças tiveram, perceber que as histórias potenciam aprendizagens num grupo de Educação Pré-Escolar.

A criança que passa por esse processo de aprendizagem sabe lidar melhor com essa realidade, traduzindo a alteração de comportamentos de negativos para positivos, ou seja, aprimorando os conhecimentos.

Foi perceptível através da entrevista à Educadora Cooperante e durante a prática, que tem como rotina de ler/contar histórias às crianças, o que valoriza a relevância e o contributo que estas têm no seu desenvolvimento.

Ao longo da análise de dados, foi possível verificar que as histórias são promotoras de aprendizagem. Foi notório o envolvimento das crianças no contar das histórias, pois elas escutavam com atenção, e assim conseguiam apreender os pormenores contidos ao longo do conto, como o enredo, e as ilustrações o que leva ao “desenvolvimento da memória, da capacidade de atenção e da compreensão da criança” (Almeida, 2002, p. 140). A criança vai ter a oportunidade de aprender de uma forma integrada, tal como a educadora cooperante expressa na sua entrevista (Entrevista à EC - Apêndice E), que através das histórias é possível contruirmos tudo.

Conseguimos, ainda, perceber que o objetivo de motivar as crianças para a leitura e exploração de histórias, foi bem-sucedida evidenciado pelas produções livres das crianças que escolhiam a área da biblioteca para explorar os livros que foram lidos ao longa da investigação e de seguida realizavam desenhos e brincavam ao “faz de conta” a ensinar aos outros colegas o que aprenderam através da história.

As histórias são uma excelente estratégia a ser usada para uma aprendizagem diversificada. Através destas conseguimos abordar vários conteúdos. Mas para que isto aconteça, tudo depende da intencionalidade que o(a) educador(a) tem ao contar a história.

A leitura de histórias são bastante relevantes em contexto da Educação Pré-Escolar, tal como Almeida (2002) afirma “A audição e leitura de histórias representam uma elevada função educativa que se traduz na promoção das potencialidades naturais da criança” (p.140), pois aumentam o vocabulário, o desejo de ler, desenvolvem a imaginação (ajudam a recriar histórias), aumentam a criatividade, ajudam a conhecer o mundo a compreender-se a si mesmo e têm um papel fundamental no envolvimento da linguagem oral e abordagem à escrita, tudo isto, permite um desenvolvimento holístico da criança.

Em suma, ao concluir este estudo, é possível afirmar que as histórias infantis são promotoras de uma aprendizagem significativa, e é evidente a importância das mesmas na Educação Pré-Escolar. São imprescindíveis no desenvolvimento da criança, dado que, estimulam a sua compreensão, imaginação e criatividade, alargam o seu vocabulário e promovem o interesse pela leitura e pela escrita.

2. Implicações da Investigação para a Prática Profissional Futura

Realizar uma investigação que teve como tema a relevância das Histórias no contexto Pré-Escolar foi um desafio.

As histórias na infância, têm também um papel fundamental na formação das crianças enquanto indivíduos na sociedade, pois ajudam a criança a desenvolver a sua personalidade, a construir o seu mundo, a resolver conflitos que surgem no dia-a-dia, e também a compreender o mundo que os rodeia. Contar histórias em contexto Pré-Escolar é crucial no desenvolvimento das crianças, é uma das atividades pedagógicas e didáticas mais importante a realizar e cabe aos educadores, estimular o prazer de ouvir e ler histórias, pois estas são um excelente meio de ajudar a ultrapassar obstáculos que as crianças criam, de desenvolver a consciência linguística, e são ainda uma forma de promover diversas aprendizagens. Posto isto, considerou-se pertinente explorar as histórias articulando com as áreas de conteúdo para que as crianças consigam ter uma aprendizagem mais significativa, indo sempre ao encontro dos seus interesses.

Depois de conversar com a Educadora Cooperante e de ficar a conhecer um pouco melhor o grupo e os seus hábitos e gostos, decidiu-se trabalhar as histórias com o mesmo. Ao conversar com as crianças a investigadora ficou a saber que na sua maioria todas elas adoram ouvir histórias e que associam o que aprendem nas histórias para dar respostas a situações que ocorrem ao longo do dia, como por exemplo, após terem ouvido a história do monstro das cores, quando a investigadora começava a ficar zangada pelo comportamento do grupo, uma das crianças, na maioria das vezes dizia “você quer que a Débora fica vermelha de zangada com vocês”. Este, entre outros momentos de associação, ocorriam várias vezes ao dia.

Foi possível dar continuidade de atividades a partir das histórias, na “hora do conto” em que todos os dias é contada uma história trazida pela educadora e/ou pelas crianças, atribuindo-se sentido e significado às histórias lidas. No presente ano letivo, através da observação, constatou-se que o grupo era bastante agitado e apresentava dificuldade em regular as suas emoções. Perante este problema, considerou-se pertinente utilizar esta estratégia pedagógica para motivar as crianças e envolvê-las nas atividades que as histórias podem sugerir e principalmente trabalhar o controlo das emoções, com o objetivo de atenuar problemas de conflito entre elas.

A relação investigadora e crianças, apesar de a investigadora já conhecer a maioria das crianças, porque para além de ser o local de estágio é também o local de trabalho, foi

possível construir uma relação baseada em afetos e partilha de aprendizagens e conhecimentos, onde a mesma, tentou sempre ir ao encontro dos interesses e necessidades das crianças. Tudo isto foi possível através de várias atividades que envolvessem a exploração de diferentes áreas e domínios, dando-lhes liberdade de expressão, ajudando-as a tornarem-se crianças mais confiantes.

As Unidades Curriculares que acompanharam este percurso, PES II e PES III, foram bastante importantes para a prática profissional futura da investigadora. Contribuíram para o desenvolvimento de atividades em contexto de educação Pré-Escolar e promoveram o crescimento de capacidades a nível de funcionamento da instituição e de todo o trabalho que envolve as crianças.

Para a realização desta investigação, foi bastante importante a utilização do registo fotográfico e vídeo, foram o instrumento de recolha principal para a realização deste trabalho, pois, escrever enquanto se observa, por vezes, é uma tarefa muito complicada.

Outro instrumento de avaliação que ajudou na presente investigação, foi os portefólios e o relatório final que foi desenvolvido com todo o trabalho realizado com as crianças com base nas aulas de Mestrado em Educação Pré-Escolar.

Em forma de conclusão e fazendo uma apreciação global do processo investigativo, é possível afirmar que o trabalho desenvolvido superou as expectativas, pois todo o esforço e dedicação que tem sido envolvido, têm sido recompensados a nível de aprendizagens e de crescimento pessoal. A investigadora adquiriu diversos conhecimentos relativos à educação Pré-Escolar e em como as histórias conseguem promover diversas aprendizagens a diferentes níveis.

Tal como a investigadora tem desejado, espera ter feito alguma diferença na vida deste grupo de crianças, ajudando-os a crescer em sabedoria, criatividade e imaginação. Deixando-os ser crianças na sua verdadeira essência, mas que principalmente sejam tão felizes dentro daquela sala como a investigadora foi, pois foi uma experiência muito enriquecedora tanto a nível profissional como pessoal.

Capítulo VI

1. Referências Bibliográficas

A

Aires, L. (2015). *Paradigma Qualitativo e Práticas de Investigação Educacional*. Lisboa: Universidade Aberta.

Alarcão, I. (1996). Ser professor reflexivo. In I. Alarcão (Org.), *Formação reflexiva de professores: Estratégias de supervisão* (pp. 171-198). Porto: Porto Editora.

Almeida, A. (2002). *Abordar o Ambiente na Infância*. Lisboa: Universidade Aberta

B

Bettelheim, B. (2006). *Psicanálise dos Contos de Fadas*. Local: Lisboa Bertrand Editora, 12^a Edição.

Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação*. Local: Porto Editora

D

Dias, C., & Neves, I. (2012). A importância de contar histórias. Em C. Silva, M. Martins, & J. Cavalcanti, *Ler em família, ler na escola, ler na biblioteca: Boas práticas*. Porto: Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti.

F

Franco, A. F. (2009). O mito da autoestima na aprendizagem escolar. *Revista Psicologia Escolar e Educacional*, Vol. 13, n.º 2, julho/dezembro, pp. 325-332.

Freire, P. (2002). *Pedagogia da Autonomia*. Consultado em (http://plataforma.redesan.ufrgs.br/biblioteca/pdf_bib.php?COD_ARQUIVO=17338)
Acedido a 25 de Janeiro de 2020

Freitas-Magalhães A. (2007). *A Psicologia das emoções – O Fascínio do Rosto Humano*. Porto: Universidade Fernando Pessoa.

Furtado, C. C. (2013). Rede social de leitores e escritores juniores: portal Biblon: a integração social on-line como catalisador da leitura, criação, expressão e partilha (Tese de doutoramento, Universidade de Aveiro, Portugal). Disponível a partir de <http://ria.ua.pt/bitstream/10773/10351/1/tese.pdf>

G

Goleman, D. (2012). *Inteligência Emocional* (17^a ed.). Lisboa: Temas e Debates

H

Hohmann, M., & Weikart, D. (2003). *Educar a criança*. (2^a ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Hohmann, M., & Weikart, D. (2009). *Educar a criança* (5^a ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian

https://www.academia.edu/6674293/Bogdan_Biklen_investigacao_qualitativa_em_educacao

Acedido a 26 de Janeiro de 2020

M

Martins, M. A. (1993). A Descoberta da Leitura e da Escrita. *Rev. Port. Pedopsiquiatria*, 4-8, p. 43-49.

Mata, L. (2008). *A Descoberta da Escrita: Textos de Apoio para Educadores de Infância*. Lisboa: DGIDC.

Moreira, P. (2010). *Ser Professor: competências básicas 3 – Emoções positivas e regulação emocional*. Porto: Porto Editora.

Moyles, J. (2002). *Só Brincar? O papel do Brincar na educação infantil*. Trad. Maria Adriana Veronese. Porto Alegre: Editora Artmed.

N

Niza, S. (1998). *Criar o Gosto pela Leitura - Formação de Professores*. Lisboa: Ministério da Educação.

R

Rigolet, S. A. (2009). *Ler livros e contar histórias com as crianças – como formar leitores*. Local: Porto Editora

S

Silva, I., Marques, L., Mata, L., & Rosa, M. (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação (DGE).

Sim-Sim, I.; Silva, A. C.; Nunes, C. (2008): *Linguagem e Comunicação no Jardim-de-Infância*, Lisboa: Editor ME – DGIDC.

Sousa, B. A. (2003). *Educação Pela Arte e Artes na Educação*. 3º Vol. Lisboa: Instituto Piaget.

T

Tuckman, B. W. (2000). *Manual de investigação em educação*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

V

Viana, F.; & Ribeiro, I. (2017). *Falar, Ler e Escrever – Propostas Integradoras para Jardim de Infância*. Maia: Lusoinfo Multimédia.

P

Patacho, P. (2013). Paradigmas de investigação em ciências sociais. Mulemba – *Revista Angolana de Ciências Sociais*, Vol. III, Nº6, pp.13-28

Ponte, J. (2002). Investigar a nossa própria prática. In *Reflectir e investigar sobre a prática profissional*. Lisboa: APM.

ANEXOS

ANEXO A

Apreciações da comunidade escolar sobre o trabalho desenvolvido.

Comentários escritos - Teatro/Dramatização (Apresentação aos pais e a comunidade educativa)

Muito Parabéns a mim e a colegas
Silvia e Débora, Adorei, foi um
excelente trabalho que realizaram.
O teatro foi excelente.
Entre brincadeiras, risos, choras
e bairra foram criados laços de amizade
a minha pipoca leve na bagagem da vida
todas as valores e ensinamentos que
vocês lhe proporcionaram.
Há coisas que não se explicam,
simplesmente sentem-se... Não existem
palavras que descrevem o que senti ao
ver o trabalho que vocês realizaram.
"Aqueles que passam por nós, não vão
sós, não nos deixam sós...
Deixam um pouco de si, levam um
pedaço de nós..."
Silvia e Débora desejo- vos
tudo de bom nesta vossa caminhada
da vida, tanto profissional como pessoal.
Obrigada é pouco, para vos
agradecer por tudo o que proporcionam

a minha pipocinha.
Obrigada novamente, pela paciência
que têm para mim... uma mãe muito
chata que sou. E desculpem
qualquer coisa. 😊
Beijos e ENORMES
Sandra Pereira
CAMILIA E

Bom dia,
Parabéns pelo teatro e a forma
clara e simples que gostam e
que os nossos filhos conseguem
aprender os sentimentos e viverlos.
Desejamos todos as felicidades e
que estejam sempre com a mesma
alegria e gosto no trabalho
desenvolvido.
Beijinhos Pais da
Patrícia Inês Bequintas

Trabalho excelente de ambas.
Obrigada pela excelente educação,
atenção e carinho pelos nossos filhos.
Agradecida por tudo.
Tudo excelente.
São óptimos profissionais.
Vanessa Leuz
(Mãe Leonor e Guadalupe)
Desejo muito sucesso nesta nova
etapa da vossa vida.
Obrigada pelo carinho pelos nossos
filhos.
Obrigada
Isabel (Mãe Inês Manuel)

Muitos parabéns pelo excelente trabalho!
Por maravilhoso a assistência a todos a
preocupação e atenção aos vossos alunos,
que viveis todos pelo sucesso
deste grande dia!
Obrigado pelo carinho, atenção, dedicação,
esforço, amor e entusiasmo
que dedicaram às vossas filhas!
Desejamos muito sucesso e êxito
nos dias que se seguem!
Não esquecer o entusiasmo e a
dedicação! São essenciais e vão
fazer falta na vida das vossas filhas!
Deixar vossas responsabilidades para
depois!
Prof.ª Júlia Figueira e Rita
(Mãe e Mãe de KADIAH KAMILAH)

PARABÉNS PELO TRABALHO.
FELICIDADES NO Vosso TRABALHO.
ANOS DE BOM SUCESSO

Trabalho maravilhoso, estava tudo
muito giro e muito bem
conseguido.
Desejo lhes vos toda a sorte
no mundo, e a briga de
fazer tudo
Patricia Lima
(Mãe de Santiago Paques)

Trabalho maravilhoso e educativo,
continuem a fazer bom trabalho e muitas
felicidades para o futuro
Dina (Simão)

Parabéns pelo excelente trabalho
que fizeram, tanto na peça como
em sala e ao longo do Ano!
Muitos Parabéns e Obediência
por tudo!

Beijinhos e Boa sorte
ao longo da vossa
Vida Toda ♡

Pais da Mariana Silva

PARABÉNS PELA DEDICAÇÃO.
O TRABALHO JUNTO DAS CRIANÇAS
FOI MUITO BEM ORGANIZADO E
NOTA-SE A DEDICAÇÃO E ESFORÇO.
FAMÍLIA DA URVI

Desejo as maiores felicidades e que o vosso
caminho profissional seja trilhado com
muito sucesso.

Parabéns pelo vosso trabalho, e por mais
uma etapa cumprida nas vossas vidas,
com muito empenho e dedicação a todas
as crianças e adultos, com quem se
cruzaram.

Beijinhos grandes, da
Adélia Santos

Um grande bom trabalho, por toda a dedicação e carinho que mais uma vez demonstraram.

O trabalho ficou lindo, mas diariamente são pessoas incansáveis que dão muito de si aos seus meritos.

Um grande beijinho de boa sorte para o vosso futuro e mantém-se fiéis ao propósito de cuidar dos filhos das outras como se os vossos fossem.

Mãe do Santiago
Rodrigues

Silvia,
Que esta data seja o marco de uma carreira brilhante, cheia de grandes realizações e sucesso.

Parabéns pelo trabalho que realizaste.

Daqui para a frente muito sucesso no teu caminho.

Beijinhos da Cláudia
Moura.

Debra,

O sucesso está apenas começando
O fim deste ciclo é apenas um degrau na escadaria das tuas conquistas.

Parabéns pelo trabalho que realizaste.

Muita sorte e sucesso neste novo caminho que vais iniciar.

Beijinhos da Cláudia
Moura

APÊNDICES

Apêndice A

Ficha de registo

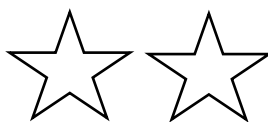
Nome _____

Idade _____

Título: _____



Gostei muito.



Gostei assim assim.



Não Gostei.

O que aprendi com esta história ...

Data ____/____/____

Apêndice B

Ficha de Opinião

Faz um desenho sobre a história que mais gostaste de ouvir.

Nome: _____ **Data:** ____/____/____

Apêndice C

Transcrição do Registo “O que aprendi com esta história”

História Nomes	“O lobo que sonhava com o oceano”	“A que sabe a lua?”
A (três anos)	Reciclar, ecopontos com as mãos.	A história tinha animais e a lua sabia a morango. Batemos palmas.
C (quatro anos)	Aprendi a separar o lixo. Desenhei na mesa com as mãos com tinta. Fizemos ecopontos para reciclar.	Aprendi banana. Bater palmas aos nossos nomes e contar.
K (cinco anos)	Não gostei de uma parte, tinha muito lixo. O lobo transformou-se numa cauda de sereia para nadar e respirar no mar. Fizemos os ecopontos com as mãos cheias de tinta, adorei.	Desenhei a melancia, é o que eu gosto, escrevi o número 1, primeiro lugar não é? Bati palmas a dividir o meu nome e contei quantas bati.
M (seis anos)	Ao reciclarmos, conseguíamos ajudar os animais do mar e fizemos ecopontos, tu puseste tinta na mesa para nós com as mãos fazemos desenhos, foi divertido.	Que nós podíamos saborear vários sabores, podíamos puxar pela nossa imaginação. Aprendi a dividir os nomes e quantas sílabas tinham com palmas.

Apêndice D

Entrevista à Educadora Cooperante - Guião

Bloco	Objetivos	Questões
A.	Legitimar	<ul style="list-style-type: none"> - Informar os objetivos do estudo - Garantir a confidencialidade do entrevistado - Pedir autorização para gravar a entrevista
B.	<ul style="list-style-type: none"> - Conhecer a prática da educadora cooperante no que respeita à leitura e exploração de histórias - Relevância das histórias na Educação Pré-Escolar 	<ol style="list-style-type: none"> 1. No currículo que tem desenvolvido com os seus grupos de crianças tem integrado a leitura de histórias e a sua exploração? 2. Com que frequência lê histórias às crianças? 3. Tem algum horário específico para o fazer? E quando é solicitado pelas crianças a leitura de uma história como procede? 4. Como é que a leitura de histórias pode contribuir para as aprendizagens das crianças em outras áreas de conteúdo? 5. Qual é a importância de trabalhar as histórias na Educação Pré-Escolar
C.	Contributos da implementação do plano de ação na aprendizagem das crianças	<ol style="list-style-type: none"> 1. Qual o contributo do projeto realizado pela aluna estagiária para a aprendizagem das crianças? 2. Em que medida as atividades desenvolvidas pela aluna estagiária potenciaram aprendizagens significativas nas crianças? É capaz de fornecer exemplos?
D.	Agradecimentos	<ol style="list-style-type: none"> 1. Conselhos/ sugestões para melhoria de uma futura prática.

Apêndice E

Entrevista à Educadora Cooperante – Respostas

Bloco	Objetivos	Questões	Respostas
A.	Legitimar	<ul style="list-style-type: none"> - Informar os objetivos do estudo - Garantir a confidencialidade do entrevistado - Pedir autorização para gravar a entrevista 	
B.	<ul style="list-style-type: none"> - Conhecer a prática da educadora cooperante no que respeita à leitura e exploração de histórias - Relevância das histórias na Educação Pré-Escolar 	<ol style="list-style-type: none"> 1. No currículo que tem desenvolvido com os seus grupos de crianças tem integrado a leitura de histórias e a sua exploração? 	<p>A leitura de histórias é uma constante e aliás há no horário todas as tardes a hora do conto que é depois do almoço e está estipulada como a “hora do conto” que geralmente é dedicada as histórias, aos livros ou às lenga lengas, ou as poesias, e geralmente as crianças também trazem histórias de casa e aproveito esse momento para partilhar as novidades delas, portanto existe uma rotina de histórias já instalada. Não só porque tem a ver com a fantasia da criança, que é uma forma de a envolver, mas também porque tem muito a ver com a parte do vocabulário, a parte também dá criança se habituar a ouvir, porque pode ser uma história contada oralmente ou pode ser uma história lida, é diferente, uma história lida de uma história contada, porque o ler também faz com que a criança se habitue a ouvir aquilo que é lido, que é sempre mais difícil de perceber, portanto aquilo que eu faço muito nas histórias é ler ou contar e depois haver uma interação das crianças, porque ao ter uma interação por parte das crianças nós temos a oportunidade de perceber se elas estão a entender e também de haver uma interatividade e com essa interatividade acaba por ser mais rico.</p>

A Relevância das Histórias Infantis na Educação Pré-Escolar

		<p>2. Com que frequência lê histórias às crianças?</p>	<p>Todos os dias eu leio ou conto, pode não ser história infantil, mas pode ser uma poesia uma lenga lenga, uma canção mimada, mas geralmente há sempre aquele momento que é hora do conto e que é todos os dias, é aquele momento que as crianças já sabem, pois a criança também se regula muito pelas rotinas, e então elas já sabem que aquele momento é o momento de ficar ouvir histórias e a partir daí começam a trazer livros para nós lermos do interesse delas, e às vezes até tem a ver com os temas que estamos a tratar na sala e surpreendem-nos.</p>
		<p>3. Tem algum horário específico para o fazer? E quando é solicitado pelas crianças a leitura de uma história como procede?</p>	<p>A hora do conto como já referi. Era precisamente isso que eu estava a dizer, eu vou ao encontro dos interesses deles, quando posso, porque às vezes pode ser um livro muito pequenino, eu ainda hoje por exemplo uma criança trouxe um livro muito pequenino com muitas letras e portanto isso às vezes não é muito interessante para o grupo e quando isso acontece eu sugiro à criança que conta a sua própria história e na altura da escolha das áreas, essa criança pode escolher ir para a área da biblioteca e contar essa história aos amigos, já é mais intimista, com duas ou três crianças e portanto ela também pode ter essa atividade contar a história aos amigos.</p>
		<p>4. Como é que a leitura de histórias pode contribuir para as aprendizagens das crianças em outras áreas de conteúdo?</p>	<p>Estão sempre presentes todas as áreas de conteúdo. Elas estão interligadas, mesmo que não queiramos. O que nós podemos fazer é ler uma história mais direcionada para a área da matemática ou ler uma história mais direcionada para a área, como por exemplo a do conhecimento do mundo, ou lê a história mais direcionada para a linguagem depois depende da maneira como tu lê. Até podes ler a mesma história de várias maneiras e de várias perspetivas, porque a criança vai sempre aprender de uma forma integrada, e as histórias como são divertidas para elas e é um foco de interesse, é sempre possível através da história fazer tudo, pode-se dramatizar a história e estamos a trabalhar a expressão dramática, mas entretanto a criança já aprendeu a parte das</p>

			<p>personagens, do imaginário, da linguagem, portanto na história esta sempre tudo presente, depois depende de como cada educadora tem intencionalidade de a contar e até pode contara mesma história e aborda-la em todas as perspectivas. Agora a criança aprende sempre de uma forma Integrada. É claro que não se vai trabalhar a história logo na primeira vez que se conta, pois há histórias que se consegue trabalhar melhor a parte da matemática, noutras a parte da linguagem. Por exemplo uma história que rima, consegues descobrir as rimas e brincar, uma história que conta os animais então é mais fácil de trabalhar a matemática na contagem deles, ou o conhecimento do mundo focando nas caraterísticas dos animais, isso depois depende muito no que a educadora quer abordar.</p>
		<p>5. Qual é a importância de trabalhar as histórias na Educação Pré-Escolar</p>	<p>É precisamente o imaginário da criança, o aproveitamento que elas têm através das histórias muito pelas histórias porque tem o fator surpresa tem o fator de ouvir, contar e portanto é importante que ela também desperte o interesse pelo contar, pelos livros. Tudo isso vai fazer com que ela desperte para o desenvolvimento da linguagem, da aprendizagem das letras, para aprendizagem da leitura, portanto é muito muito importante as histórias.</p> <p>Agora a maneira como se conta e como se faz essa interação pode ser mais rico ou mais pobre, a criança vai sempre aproveitar a história, porque já fazia parte da tradição, os contos contados à lareira, antes de dormir, os avós que contam histórias aos netos, portanto a tradição oral é importante porque apresentação oral também tem relação humana, nós interagimos com o outro, e quando nós notamos que a criança está interessada pela história e quer ouvir, e quer saber mais e depois até quer fazer uma dramatização daquela história e depois envolve-se com os personagens e isso tudo é um ambiente super rico para todo o desenvolvimento harmonioso, transversal, de todas as áreas, e holístico da criança.</p>

A Relevância das Histórias Infantis na Educação Pré-Escolar

C.	Contributos da implementação do plano de ação na aprendizagem das crianças	<p>1. Qual o contributo do projeto realizado pela aluna estagiária para a aprendizagem das crianças?</p>	<p>Eu acho que contribui bastante, porque as crianças envolveram-se bastante na história, foi uma história interessante, apresentas-te num livro pup-up que permitiu, ou seja, chamou bastante atenção das Crianças, toda a história era uma história muito atrativa, depois o que eu acho é que trabalhou as emoções e as emoções é uma coisa que está muito à flor da pele da criança e as vezes a criança não se entende e isso dá aso a que a criança fique tímida ou se extravase de mais ou que relação com o outro não seja positiva, portanto esta questão de conseguir fazer o reconhecimento das emoções e trabalha-las e poder falar delas e falar das expressões do rosto da maneira como a pessoa fica quando nós agimos de determinada maneira, reconhecer no outro e reconhecer em nós e isso levou a uma melhoria substancial no relacionamento entre com os outros e com eles próprios e despertou neles esse interesse que eu acho que vai acompanhá-los durante muito tempo foi uma aprendizagem significativa nesse aspeto, depois a partir da história foi explorado as outras áreas, a área das expressões, da dramatização, da matemática que depois de uma forma intencional foi trabalhada noutras dimensões, e eu acho que assim é que é natural, que é não ficarmos só por uma dimensão da aprendizagem, mas conseguirmos abranger todo um leque de todas as áreas.</p>
		<p>2. Em que medida as atividades desenvolvidas pela aluna estagiária potenciaram aprendizagens significativas nas crianças? É capaz de fornecer exemplos?</p>	<p>As aprendizagens significativas foi um pouco o que já falei mas pronto falei mais das emoções, também houve outra história a do gato quer mimos, e por exemplo eu acho que também teve muito sucesso, foi muito bem trabalhado a parte das alturas a ver quem é que é o mais alto, eles perceberem que há uma fita métrica, que podem medir, que cada um mede até aquela altura quem é que é mais baixo, quem é que é mais alto, eles envolveram-se bastante nisso, acho que foi também bastante útil para eles para aprendizagem do alto do baixo, igual, quem é maior quem é mais pequeno, quantos é que são mais pequenos, quantos é que são maiores, por exemplo, as gémeas não são da mesma altura e</p>

			<p>descobriram isso quando mediram, e foi muito interessante observar o que elas tinham descoberto. Eu acho que no fundo acabaram por ter aprendizagens interligadas e articuladas, porque eu acho o importante é perceber se estão envolvidos, se estão interessados, se pedem para fazer, se muitas vezes falam daquilo que foi abordado, como podemos verificar, falam muitas vezes dos monstros das cores, de quando estamos zangados dizem que estão vermelhos, portanto vê-se perfeitamente que eles integraram na sua vida e na relação deles com os outros aquilo que foi falado na história e aquilo que, aliás um dos pontos que eu acho que posso falar e que podem registar é que tanto tiveram interesse daquilo que foi falado e as aprendizagens foram significativas, que eles envolveram-se bastante na dramatização, portanto a vossa atividade final teve o sucesso que teve e teve a adesão que teve, e teve um resultado positivo que teve, esteve à vista de todos, tendo em conta todo o percurso, porque as coisas não se conseguem de repente com crianças, as coisas vão se conseguindo, e o processo é muito mais importante que o resultado, portanto vocês só conseguiram aquele resultado, porque o trabalho que teve antes, foi todo um processo que envolveu as crianças, e por isso, eles próprios tinham interesse que as coisas corresse bem, eles quiseram aprender, eles deram o seu contributo, portanto no geral, aprenderam numa forma articulada e globalizante em todos os aspetos, no aspeto do conhecimento do mundo, das emoções, da parte da formação pessoal e social, tiveram também as expressões desenvolvidas, posto isto acho que foi um trabalho muito completo.</p>
D.	Agradecimentos	1. Conselhos/ sugestões para melhoria de uma futura prática.	É continuar, porque há coisas que só a experiência da, mas a experiência às vezes traz a pessoa a acomodar-se, nem tudo o que é experiência pode resultar numa coisa boa, portanto o conselho que eu dou sempre é que haja sempre uma reflexão, e dessa reflexão resultar algo que a pessoa pensa que pode resultar com as crianças e fazer um percurso sempre a partir dessa reflexão,

A Relevância das Histórias Infantis na Educação Pré-Escolar

			<p>porque pode resultar hoje amanhã pode não resultar, encontrar sempre formas de cativar as crianças.</p> <p>No meu ponto de vista aquilo que eu gostava que vocês levassem do estágio era que o que interessa mais, porque é aquilo que eu valorizo, pelo menos, é que as crianças se sintam valorizadas, sintam-se como elementos ativos naquilo que é desenvolvido com elas, e portanto se nós notamos que elas estão bem e que estão interessadas é porque estamos num bom caminho e não estagnar por aí, e fazer sempre um processo contínuo e dinâmico e depois temos altos e baixos, não temos sempre assim o gráfico (faz com as mãos) é assim, um dia estamos bem, resultou, outro dia não resultou tão bem e depois até achamos que está tudo muito bem está ótimo e de repente à uma descida e depois a vida faz-se assim, faz-se andando e faz-se para cima e para baixo, e o importante é estarmos aberto a nós próprios, abertos a nós e abertos a eles e depois a partir daí faz-se esse Percurso. É o conselho que eu dou. Agora o vosso estágio foi bom, as vossas atividades foram boas, e eu não tenho outro conselho.</p>
--	--	--	--

Apêndice F

Entrevista às crianças – Guião

Bloco	Objetivos	Questões
A.	Legitimar	- Informar os objetivos do estudo - Garantir a confidencialidade do entrevistado - Pedir autorização para gravar a entrevista
B.	Constatar se a exploração das histórias e a sua leitura teve algum impacto nas aprendizagens das crianças	<ul style="list-style-type: none"> • Gostas de ouvir histórias? • Quais foram as histórias que vimos, lembraste-te? • Gostaste das histórias que ouviste? Porquê? • Qual foi a história que gostaste mais? Porquê? • O que é que aprendeste depois de termos lido a história do “Monstro das Cores”? e da história “o gato quer mimos”?

Apêndice G

Entrevista às crianças – Respostas

Bloco	Objetivos	Questões	Respostas – Criança A
A.	Legitimar	<ul style="list-style-type: none"> - Informar os objetivos do estudo - Garantir a confidencialidade do entrevistado - Pedir autorização para gravar a entrevista 	
B.	Constatar se a exploração das histórias e a sua leitura teve algum impacto nas aprendizagens das crianças	<ol style="list-style-type: none"> 1. Gostas de ouvir histórias? 2. Quais foram as histórias que vimos, lembraste-te? 3. Gostaste das histórias que ouviste? Porquê? 4. Qual foi a história que gostaste mais? Porquê? 5. O que é que aprendeste depois de termos lido a história do “Monstro das Cores”? e da história “o gato quer mimos”? 	<p>Estagiária: Tu gostas de ouvir histórias?</p> <p>Criança: Sim</p> <p>Estagiária: Boa, e lembraste quais foram as histórias que a Débora contou?</p> <p>Criança: Monstro das cores e o gato quer mimos</p> <p>Estagiária: E gostaste dessas histórias?</p> <p>Criança: Sim</p> <p>Estagiária: Porquê?</p> <p>Criança: porque gostei muito</p> <p>Estagiária: E dessas duas qual foi a que tu gostaste mesmo muito muito?</p> <p>Criança: A do monstro das cores</p> <p>Estagiária: e porquê? O que aprendeste com ela</p> <p>Criança: não sei</p> <p>Estagiária: cores, lembraste quais eram as cores?</p> <p>Criança: sim</p> <p>Estagiária: o preto era o quê?</p> <p>Criança: medo</p> <p>Estagiária: e mais</p> <p>Criança: o rosa era amor</p>

A Relevância das Histórias Infantis na Educação Pré-Escolar

			<p>Estagiária: e mais? Criança: a raiva Estagiária: que era que cor Criança: vermelho Estagiária: e mais Criança: a tristeza Estagiária: e qual era a cor da tristeza? Criança: azul Estagiária: Vês como tu sabes Estagiária: e da história o gato quer mimos lembras-te o que aprendemos? Criança: o gato tinha picos Estagiária: e por causa dos picos o que aconteceu Criança: ninguém dava abraços Estagiária: lembras-te se o gato era grande ou pequeno Criança: grande Estagiária: e para vermos se o gato era grande o que fizemos? Criança: juntámos muitas crianças Estagiária: e mais, lembras-te de mias alguma coisa? Criança: as alturas Estagiária: e qual era a tua altura? Criança: pequena Estagiária: e lembras-te de mais alguma coisa? Criança: Não</p>
--	--	--	--

A Relevância das Histórias Infantis na Educação Pré-Escolar

Bloco	Objetivos	Questões	Respostas – Criança C
A.	Legitimar	<ul style="list-style-type: none"> - Informar os objetivos do estudo - Garantir a confidencialidade do entrevistado - Pedir autorização para gravar a entrevista 	
B.	Constatar se a exploração das histórias e a sua leitura teve algum impacto nas aprendizagens das crianças	<ol style="list-style-type: none"> 1. Gostas de ouvir histórias? 2. Quais foram as histórias que vimos, lembraste? 3. Gostaste das histórias que ouviste? Porquê? 4. Qual foi a história que gostaste mais? Porquê? 5. O que é que aprendeste depois de termos lido a história do “Monstro das Cores”? e da história “o gato quer mimos”? 	<p>Estagiária: gostas de ouvir histórias?</p> <p>Criança: gosto</p> <p>Estagiária: e sabes dizer a Débora quais foram as histórias que vimos?</p> <p>Criança: sim, a historia do gato</p> <p>Estagiária: e mais?</p> <p>Criança: não sei mais</p> <p>Estagiária: não sabes?</p> <p>Criança: o monstro das cores</p> <p>Estagiária: e gostaste das histórias que ouviste a Débora contar?</p> <p>Criança: gostei</p> <p>Estagiária: Porquê?</p> <p>Criança: a minha mãe adora essas histórias</p> <p>Estagiária: por isso e que gostas de as ouvir?</p> <p>Criança: sim, a mãe conta-me muitas vezes historias</p> <p>Estagiária: boa, a mãe faz muito bem, e agora podes dizer-me qual foi a história que gostaste mais? A do gato ou a do monstro das cores?</p> <p>Criança: a do monstro das cores</p> <p>Estagiária: e porquê?</p>

			<p>Criança: a minha mãe gosta muito dessa historia e brinco com os bonecos dos monstros das cores</p> <p>Estagiária: Nessa história, dos monstro das cores, O que é que aprendeste depois de a Débora a ter lido?</p> <p>Criança: as cores</p> <p>Estagiária: Boa, e o que fizemos com essas cores?</p> <p>Criança: metemos nos frascos</p> <p>Estagiária: Isso mesmo, e quantas cores eram? Lembras-te?</p> <p>Criança: seis</p> <p>Estagiária: e sabes-me dizer o nome das cores? E o que elas significavam?</p> <p>Criança: rosa, amor; o preto, medo; o amarelo, alegria; o vermelho, a raiva; o verde, a calma e o azul a tristeza</p> <p>Estagiária: Muito bem (C) mas ainda havia outro monstrinho, o que é que ele tinha?</p> <p>Criança: muitas cores</p> <p>Estagiária: e nós o que fizemos com esse monstro?</p> <p>Criança: separamos as cores</p> <p>Estagiária: e quando trabalhámos as cores, o que é que aprendemos mais?</p> <p>Criança: as emoções</p>
--	--	--	---

			<p>Estagiária: então diz me lá, quando estamos azuis, o que é que estamos a sentir?</p> <p>Criança: tristeza</p> <p>Estagiária: muito bem, agora vamos passar para a outra história, na história “o gato quer mimos” o que é que nós aprendemos?</p> <p>Criança: a dar mimos</p> <p>Estagiária: pois, todos nós merecemos miminhos. E porque é que o gato não recebia mimos?</p> <p>Criança: porque tinha picos</p> <p>Estagiária: e o que é que os outros bichos fizeram para ele não se sentir triste por não receber mimos, lembrás-te?</p> <p>Criança: fizeram uma casa nele</p> <p>Estagiária: vês, foi uma boa solução. E esse gato era grande ou pequeno?</p> <p>Criança: era grande</p> <p>Estagiária: Muito grande, e o que fizemos para ver como ele era grande?</p> <p>Criança: metemos os meninos seguidos no chão da sala, metemos 12 meninos</p> <p>Estagiária: muito bem, 12 meninos porque o gato media 12 metros e como a Débora explicou na realização da atividade fingimos que cada menino media um metro e</p>
--	--	--	--

A Relevância das Histórias Infantis na Educação Pré-Escolar

			<p>então precisávamos de 12 meninos para chegarmos aos 12 metros</p> <p>Criança: pois foi</p> <p>Estagiária: E a atividade que fizemos a seguir, lembras-te?</p> <p>Criança: as nossas alturas</p>
--	--	--	---

A Relevância das Histórias Infantis na Educação Pré-Escolar

Bloco	Objetivos	Questões	Respostas – Criança K
A.	Legitimar	<ul style="list-style-type: none"> - Informar os objetivos do estudo - Garantir a confidencialidade do entrevistado - Pedir autorização para gravar a entrevista 	
B.	Constatar se a exploração das histórias e a sua leitura teve algum impacto nas aprendizagens das crianças	<ol style="list-style-type: none"> 1. Gostas de ouvir histórias? 2. Quais foram as histórias que vimos, lembraste? 3. Gostaste das histórias que ouviste? Porquê? 4. Qual foi a história que gostaste mais? Porquê? 5. O que é que aprendeste depois de termos lido a história do “Monstro das Cores”? e da história “o gato quer mimos”? 	<p>Estagiária: Gostas de ouvir histórias?</p> <p>Criança: sim</p> <p>Estagiária: Quais foram as histórias que vimos, lembraste?</p> <p>Criança: o Monstro das cores a do gato</p> <p>Estagiária: e gostaste das histórias que a Débora contou?</p> <p>Criança: sim, eu participei nelas (e riu-se)</p> <p>Estagiária: e tu lembraste qual era a altura do gato?</p> <p>Criança: 12</p> <p>Estagiária: 12 metros, isso mesmo, era enorme</p> <p>Estagiária: e qual foi a história que gostaste mais?</p> <p>Criança: eu gostei da do gato porque tivemos que fazer uma fila e eu tive nela, porque estávamos a ver a altura do gato</p> <p>Estagiária: Então agora eu quero saber o que é que tu aprendeste, vamos começar pela primeira</p>

			<p>história a do monstro, conta-me lá</p> <p>Criança: as cores estavam todas misturadas</p> <p>Estagiária: e depois o que tivemos de fazer</p> <p>Criança: dividir as cores</p> <p>Estagiária: e mais</p> <p>Criança: aprendemos as cores e as emoções</p> <p>Estagiária: e mais lembras-te?</p> <p>Criança: com os monstros das cores vimos se nos portarmos bem.</p> <p>Ontem estava triste por não ter ido a avó, estava da cor azul, mas muito azul.</p> <p>Estagiária: muito bem, e na outra história?</p> <p>Criança: o gato era grande e depois quisemos saber a nossa altura</p> <p>Estagiária: e mais, sabes-me dizer? O que é que o título nos diz “o gato quer mimos”</p> <p>Criança: ele não tinha amigos</p> <p>Estagiária: mas ele é igual a todos os outros não é?</p> <p>Criança: ele tinha picos e era muito grande</p>
--	--	--	---

A Relevância das Histórias Infantis na Educação Pré-Escolar

			<p>Estagiária: e os bichinhos o que fizeram para ele não se sentir triste?</p> <p>Criança: fizeram a casa nele.</p>
--	--	--	---

A Relevância das Histórias Infantis na Educação Pré-Escolar

Bloco	Objetivos	Questões	Respostas – Criança Z
A.	Legitimar	<ul style="list-style-type: none"> - Informar os objetivos do estudo - Garantir a confidencialidade do entrevistado - Pedir autorização para gravar a entrevista 	
B.	Constatar se a exploração das histórias e a sua leitura teve algum impacto nas aprendizagens das crianças	<ol style="list-style-type: none"> 1. Gostas de ouvir histórias? 2. Quais foram as histórias que vimos, lembra-te? 3. Gostaste das histórias que ouviste? Porquê? 4. Qual foi a história que gostaste mais? Porquê? 5. O que é que aprendeste depois de termos lido a história do “Monstro das Cores”? e da história “o gato quer mimos”? 	<p>Estagiária: tu gostas de ouvir histórias?</p> <p>Criança: gosto</p> <p>Estagiária: quais foram as histórias que vimos, lembra-te?</p> <p>Criança: as dos monstros das cores, o gato gigante, o gato mimoso</p> <p>Estagiária: e porquê gigante?</p> <p>Criança: porque era muito forte e tinha 12 metros</p> <p>Estagiária: uau, é isso mesmo, tinha 12 metros, e o que fizemos para ver na realidade quanto era 12 metros?</p> <p>Criança: metemos os meninos deitados para fazer 12 meninos, para meter os 12 metros do gato</p> <p>Estagiária: e na história do Monstro das cores o que aprendemos?</p> <p>Criança: os monstros todos juntaram-se e transformou num monstro novo, era o monstro do</p>

			<p>arco iris e ele ficava todo baralhado</p> <p>Estagiária: e depois o que tivemos que fazer para o ajudar?</p> <p>Criança: arrumar as emoções</p> <p>Estagiária: e lembrás-te quias eram essas emoções</p> <p>Criança: a raiva, a calma, a tristeza, o amor a alegria</p> <p>Estagiária: falta uma emoção qual é?</p> <p>Criança: ai esqueci-me é o medo</p> <p>Estagiária: agora sim! e as cores que representavam essas emoções quais eram?</p> <p>Criança: então a raiva era o vermelho, na tristeza era o azul, no medo era o preto, no amor o rosa e a calma o verde. Eu adoro muito as histórias, então as histórias, quando mais histórias tu contas mais eu quero ouvir</p> <p>Estagiária: Qual foi a história que gostaste mais?</p> <p>Criança: do monstro das cores</p> <p>Estagiária: Porquê?</p> <p>Criança: porque havia as emoções que eu andava sempre a sentir, que era a alegria, a calma, o amor e as vezes a tristeza.</p>
--	--	--	---

			<p>Estagiária: as vezes sentias-te triste?</p> <p>Criança: sim e com medo Débora, a M às vezes magoa a sério</p> <p>Estagiária: e o que aprendeste com esta história?</p> <p>Criança: que o vermelho andava sempre a ralhar e a lutar com as pessoas e eu não quero ficar assim, como a A e a A, estavam ali a lutar com as mãos, eu estava a ver.</p> <p>Estagiária: estavam zangadas uma com a outra. E o que devemos fazer nessas situações</p> <p>Criança: temos que vestir o fato verde. As vezes o D fica com as cores todas juntas e baralhado</p> <p>Estagiária: então o que podemos fazer para ajudar o D?</p> <p>Criança: mandar as outras emoções embora e deixar só as boas, o verde que é a calma.</p> <p>Estagiária: e na outra história do gato o que aprendeste?</p> <p>Criança: aprendi que ele gostava muito dos seus amigos mas os seus amigos não gostavam muito dele pois tinha picos no corpo,</p>
--	--	--	--

			<p>então os seus amigos ficaram da cor preta</p> <p>Estagiária: ficaram com medo?</p> <p>Criança: sim</p> <p>Estagiária: conta-me mais</p> <p>Criança: aprendi a minha altura e a dos meus amigos</p> <p>Estagiária: e o que fizemos para ver as nossas alturas?</p> <p>Criança: para conseguirmos saber qual era a altura dos meninos metemos a fotografia para saber de quem é. Pintamos e quando chegamos à nossa altura paramos de pintar. E é isto</p> <p>Estagiária: Muito bem, Obrigada Z ajudaste muito a Débora.</p>
--	--	--	--

Apêndice H – História “O lobo que sonhava com o oceano”

Reconto da história – Nota de campo do dia 9 de Maio de 2019

Qual acham que é o título? “ O lobo que sonhava com o oceano”

1º “Ele estava a pescar e viu uma garrafa”

“Ele foi pescar”

“Ia pescar peixes e encontrou a garrafa”

2º “A garrafa tinha um mapa”

“Ele foi ao sótão e vestiu-se de pirata, a busca do tesouro”

3º “Ele é mal educado, esta em cima da mesa”

“São os amigos do lobo”

“Ele pôs-se em cima da mesa para parecer mais pirata, mais alto”

4º “Ele foi com os amigos para a praia”

“E encontrou um barco”

5º “Ele vai a caça do tesouro, dentro do barco pirata”

6º “Apareceram outros piratas e os piratas maus roubaram o mapa do tesouro ao lobo”

7º “O lobo ficou muito triste porque lhe tiraram o tesouro”

8º “ Aconteceu uma tempestade”

“A onda parece que está com uma boca gigante”

“Parece um tsunami”

Aluna Estagiária: Alguém sabe o que é um Tsunami?

LM: “É uma onda gigante”

9º “O lobo foi parar ao fundo do mar”

“Ele vai nadar com o golfinho”

10º “No fundo do mar ele encontrou o rei do mar”

“E ele transformou o lobo com uma cauda de sereia”

11º “Ele depois vai nadar e vê o mar cinzento e sujo”

(eles identificaram os animais do mar um a um)

“E esse é o aquaman”

Estagiária: sabem como se chama este conjunto de peixes?

“Cardume”

12º “Eles encontraram uma tartaruga numa rede de pesca”

“Estava presa e triste”

“E o lobo tenta salva-la”

13º “ Nadam até mais baixo e encontram o mar cheio de poluição”

“O lobo está assustado com o polvo e os amigos, porque podem não sobreviver com este lixo”

“Ele está assustado com a poluição que está no mar”

14º “O lobo combinou que vinha para terra dizer aos amigos para não deitarem o lixo para o mar”

“Ele já não queria o tesouro”

“Ele só queria que os humanos não poluíssem o oceano, para ele ficar sempre limpo e azul”

Duração: 15 minutos

Fim registo

Transcrição do vídeo gravado a 10 de maio de 2019

Aluna estagiária: “Já viram que este animal está rodeado de lixo, acham que está contente?”

Em grupo: “Não”;

MA: “A foca está triste, porque o mar está cheio de lixo”;

Estagiária: “Muito bem, e esta tartaruga?”;

MI: “Está presa numa rede e pode morrer”;

Estagiária – “Muito bem, então o que acham que devemos fazer para o mar ficar com menos lixo?”

KM – “Devemos colocar o lixo no lixo”

KD – “Mas podemos fazer mais não é Débora?”

MA – “fazendo a reciclagem”

Aluna estagiária –“ Isso mesmo, e podemos começar a fazer aqui na sala, o que acham?”

Crianças – “SIM”

Aluna estagiária – “então o que temos de fazer em primeiro lugar?”

LM: “teremos que fazer os ecopontos para a sala”

Crianças – “Sim”

Estagiária:” Muito bem meninos, então vamos pôr “mãos à obra”

Duração: 5 minutos

Fim registo áudio

Apêndice I – História “A que sabe a lua”

4ª Narrativa Supervisiva Dialogada – Reflexão da Educadora - 31 de Maio de 2019

“(…) A Débora explorou a Numeração Ordinária. Ela começou por ordenar os animais, com a colaboração das crianças, respeitando a sequência do seu surgimento na história. Cada animal foi afixado num quadro por uma criança diferente que, em seguida, desenhava o algarismo com o símbolo da ordem correspondente. Ela teve o cuidado de ir fazendo o paralelismo entre os números cardinais (quantidade) e os correspondentes ordinais (ordenação). Surpreendentemente, de um modo geral, todas sabiam corretamente a sequência do surgimento dos animais na história, o que revela o seu interesse. Ao solicitar o apoio individual das crianças, a Débora reforçou o seu envolvimento na atividade e, conseqüentemente, o favorecimento de aprendizagens com significado. Parece-me que esta abordagem (imagem com “um sentido” + numeração ordinária + envolvimento concreto da criança), favorecem a compreensão do conceito.”

Apêndice J – História “Monstro das cores”

Transcrição do Registo de Vídeo de 14 de Outubro de 2019

Aluna Estagiária: “Sabem o que significa o que está no tapete? Quero o dedo no ar. Sim C
C: São os monstros das cores”

Aluna Estagiária: “e o que são os monstros das cores sabem? O que eles querem nos dizer?”

Z: “eles têm várias cores, mas a Débora vai nos dizer não é? (todos em sala soltaram gargalhadas)”

Aluna Estagiária: “sim Z, melhor que vos dizer, eu vou explicar, cada monstrinho tem uma cor e essa cor representa uma emoção, ou seja o que estão a sentir, o este monstro é a alegria por isso está pintado de?”

Crianças: “amarelo”

Aluna Estagiária: “este de que cor é?”

S.M: “Preto”

Aluna Estagiária: “e o que está a sentir, sabem?”

C: “medo, a minha mãe conta-me muitas vezes essa história”

Aluna Estagiária: “Então e este?” (apontam para o monstro cor de rosa)

K.D: “É rosa”

Aluna Estagiária: “e sabem o que ele está a sentir?”

I: “Não”

Aluna Estagiária: “Amor, este está a sentir amor”

Aluna Estagiária: “E este monstrinho verde?”

K.M: “É a alegria?”

Aluna Estagiária: “Não, a alegria é o amarelo, este é a calma, está a sentir-se calmo, e este monstro” (apontando para o vermelho)

S.R: “é a raiva”

Aluna Estagiária: “Muito bem, e por último este monstrinho é a tristeza e é da cor azul. Então e vocês o que estão a sentir neste momento? Vamos começar pelo meu lado direito”

K.M: “Alegria”

Aluna Estagiária: “Porquê?”

K.M: “dormi na minha avó”

S: (apontando para o monstro verde)

L: “Triste, mordi a língua e agora dói”

Aluna Estagiária: “oh meu amor já vai passar”

A: amor, por ti

Aluna Estagiária: “tão linda, dá ca uma abraço”

G: “alegria”

Aluna Estagiária: “muito bem G, é bom ver que estas feliz, e tu R?”

RO: “apontando para o monstro verde”

Aluna Estagiária: “e tu S.K? feliz?”

S.K: “abana com a cabeça que sim”

Aluna Estagiária: “Então faz uma cara feliz, assim” (mostro uma cara feliz)

S.K: “(fazendo um sorriso)”

Aluna Estagiária: “Boa, e tu K.D?”

K.D: “feliz, dormi na avó “

Aluna Estagiária: “como a mana, muito bem. E tu U?”

U: “Calma”

Aluna Estagiária: “e tu C?”

C: “amor pela sílvia (deu-lhe um abraço) ”

Aluna Estagiária: “mas que bem, então e tu?”

D: “triste, hoje é segunda feira” (e solta uma gargalhada)

Aluna Estagiária: “não não, devias estar contente que estás de novo na escola (o grupo solta gargalhadas). E tu A.Z?”

A.Z: “apontou para o monstro preto” (medo)

Aluna estagiária: “Porque te sentes assim?”

A.Z: “O meu irmão por vezes bate-me e eu sinto medo dele”

Aluna Estagiária: “mas não tens que sentir medo, já contaste à tua mãe?”

A.Z: “não” (com uma cara triste)

Aluna Estagiária: “então tens que falar com a mãe a dizer que o mano magoa-te com muita força e tu não gostas, ficamos combinados?”

A.Z: “sim” (deu um abraço à aluna estagiária)

Aluna Estagiária: “e tu R como te sentes?”

R: “assim” (apontando para o monstro da cor vermelha)

Aluna estagiária: “porquê?”

R: (a fazer uma expressão de zangado, manteve-se em silêncio)

Aluna Estagiária: “vamos ultrapassar isso juntos ok? Vamos pôr uma cara feliz como o monstro amarelo”

Aluna Estagiária:

Z: “alegre, recebi muitas novidades hoje”

Aluna Estagiária: “Já vi, tens muitos desenhos, muito bem e to S.R?”

S.R: “estou da cor vermelha porque gosto muito do vermelho”

Aluna Estagiária: “pronto já percebi que és do Benfica (e solto um sorriso). E tu ?”

S.M: “estou calmo”

Aluna Estagiária: “mas que bem, nós devíamos todos os dias nos sentirmos calmos, então e tu pipoca?”

M.I: “calma”

Z: “Débora, aquele monstro o que quer dizer” (apontando para o monstro cheio de cores)

Aluna Estagiária: “o que acham de irmos descobrir o que ele nos quer dizer, o que acham?”

Crianças: “Sim”.

Duração: 20 minutos

Fim registo áudio

Transcrição do Registo Vídeo de 22 de Outubro de 2019

Aluna Estagiária: “R sabes dizer-me que cor é esta? (mostrando um lápis azul)”

R: “É a cor do céu”

Aluna Estagiária: “Mas o nome dessa cor sabes?”

R: (encolheu os ombros)

Aluna Estagiária: “E esta (lápiz vermelho)?”

R: “Cor do zangado”

Aluna Estagiária: Qual é o lápis vermelho (mostrando um lápis azul e outro vermelho)

R: Aquele (apontando para o lápis vermelho, mas demorou algum tempo a apontar)

Aluna Estagiária: “G sabes dizer-me que cor é esta (mostrando o lápis vermelho) ”

G: “Rosa”

Aluna Estagiária: “E esta (lápiz azul)?”

G: “Não (acenando com a cabeça) ”

Aluna Estagiária: Esta eu sei que sabes, é a cor do teu clube (mostrando o lápis verde)

G: Verde

Aluna estagiária: olha podes ir buscar-me na caixa dos legos uma peça com a mesma cor que esta (amarela)

G: sim (trouxe uma peça amarela)

Aluna estagiária: e agora uma desta cor (mostrando a cor azul)

G: (trouxe uma peça roxa)

Aluna Estagiária: Então vá G, nós vamos conseguir.

Duração: 15 minutos

Fim registo áudio

Nota de campo de 4 de Novembro de 2019

Aluna Estagiária (sílvia): “Estão a ver o menino da capa do livro? Sabem como é que ele se está a sentir?”

Z: “O menino está azul”

Aluna Estagiária (sílvia): “Porquê que está azul, sabes Z?”

Z: “Porque está triste”

Nota de campo de 5 de Novembro de 2019

Aluna Estagiária: “Após termos lido a história, sabem dizer-me que cor ficou a casa da bruxa Mimi?”

L: “Ficou amarela”

Aluna Estagiária: “E sabes dizer-me porquê?”

L: “A bruxa Mimi ficou feliz e por isso tudo a sua volta ficou amarelo.”

Transcrição do Registo Vídeo de 25 de Novembro de 2019

Aluna Estagiária: “você sabem qual é a importância do exercício físico?”

Z: “É para não ficarmos gordos”

S.R: “mesmo que nós comemos muito temos que fazer exercício”

Aluna Estagiária: “Muito bem meninos, não basta termos só uma alimentação saudável, também temos que praticar muito exercício.

Praticar exercício não faz só bem ao nosso corpo, faz também bem à nossa cabecinha, libertamos maus pensamentos e exercitamos o nosso cérebro, e mais, também nos ajuda a aprender reflexos e movimentos para nós conseguirmos usar no nosso dia a dia.”

Aluna Estagiária: Por isso mesmo vamos juntar duas coisas muito importantes numa só.

Vamos fazer exercício físico ao mesmo tempo que jogamos “À busca das cores”, para eu ver se vocês aprenderam tudo e se já sabem distinguir as cores, sim?

Vamos começar por dividir as equipas, eu vou ter papelinhos com duas caras uma verde e outra amarela, quem calhar o papelinho com a cara feliz vai para o arco amarelo, quem tiver o papelinho com a cara verde vai para o arco verde que é a equipa da ...?

Crianças: Calma

Aluna Estagiária: Muito bem, então vamos começar.

Duração: 5 minutos

Fim registo áudio

Apêndice K – História “O gato quer mimos”

Transcrição de um excerto do Registo Vídeo de 2 de Dezembro de 2019

Aluna estagiária: “Este livro que eu acabei de ler, é uma história muito especial, como perceberam o gato sentia-se muito sozinho, porquê sabem dizer-me?”

K.D: “o gato tinha picos, e picava os outros bichinhos”

Aluna estagiária: “E ele não merece mimos na mesma?”

Z: “É como a mariana, ela as vezes faz-nos mal, mas é bebé, não podemos deixar de ser amigos dela, temos que tentar outras coisas”

CP: “É pequenina também quer sentir o monstinho cor de rosa”

S.M: “Ela às vezes morde mas é bebé”

Aluna estagiária: “É isso mesmo meninos, nós como amigos dela temos que arranjar alternativas para ela não se sentir sozinha e conseguirmos brincar todos juntos, não a podemos por de lado, e foi o que fizeram ao gato, arranjam uma alternativa para ele não se sentir sozinho, e sabem o que foi?”

K.M: “foram viver com ele, formaram uma casa nos picos”

Aluna estagiária: “Muito bem, foi isso mesmo, e assim conseguiram viver todos juntos e em harmonia”.

Transcrição do Registo Vídeo de 2 de Dezembro de 2019

Aluna Estagiária: “ Lembram-se de alguma coisa que o gato tinha?”

SR: “o gato era muito grande

SM: “ Sim, o gato era grande e forte”

Aluna Estagiária: “ Então e lembram-se qual era a altura do gato?”

Z: “ 12 Metros”

Aluna Estagiária: “ E sabem o que isso significa? Acho que já sei como vos mostrar o que são 12 metros, vou buscar uma fita métrica de 1 metro e vamos pensar que cada criança mede um metro, sabem de quantas crianças precisamos para chegarmos ao número 12?”

Z:“12 crianças Débora”

Aluna Estagiária:“ Boa Z, então vamos lá começar a juntar as crianças pela sala”

KM: “E que altura eu tenho Débora?” (KM)

KD: “E eu sou do mesmo tamanho que a minha irmã” (KD)

DP: “Eu acho que sou maior que o Z”

Aluna Estagiária: “Então e quantos metros acham que eu tenho? Vamos descobrir?”

Duração: 20 minutos

Fim de registo áudio

Transcrição do Registo Vídeo de 25 de Novembro de 2019

Aluna Estagiária: “você sabem qual é a importância do exercício físico?”

Z: “É para não ficarmos gordos”

S.R: “mesmo que nós comemos muito temos que fazer exercício”

Aluna Estagiária: “Muito bem meninos, não basta termos só uma alimentação saudável, também temos que praticar muito exercício.

Praticar exercício não faz só bem ao nosso corpo, faz também bem à nossa cabecinha, libertamos maus pensamentos e exercitamos o nosso cérebro, e mais, também nos ajuda a aprender reflexos e movimentos para nós conseguirmos usar no nosso dia a dia.”

Duração: 10 minutos

Fim registo áudio